



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

JULIANA PIRES RIO BRANCO

O AMOR QUE DEVERIA SER LEVE

GOIÂNIA

2021



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

O AMOR QUE DEVERIA SER LEVE

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

GOIÂNIA

2021

JULIANA PIRES RIO BRANCO

O AMOR QUE DEVERIA SER LEVE

Produto Filme Documentário
apresentado como Trabalho de Conclusão do
Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, Escola de
Comunicação, sob orientação da Professora
Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

Data de defesa: 09 de junho de 2021.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Profa. Ms. Sabrina Moreira de Moraes Oliveira

Profa. Ms. Silvana Rodrigues Monteiro

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e Nossa Senhora Aparecida por terem me fortalecido durante toda minha caminhada acadêmica, em que mesmo com toda dificuldade não perdi minha fé. Inicialmente iria falar sobre outro assunto também muito necessário, mas creio que foi mostrado por Ele, que eu precisava falar sobre os relacionamentos tóxicos e abusivos no contexto familiar, para que abrisse os olhos de muitas famílias, para que comecem a ter relações mais saudáveis. Minha dedicatória também se estende as minhas avós que são mulheres incríveis e que me inspiram, sem elas eu jamais teria conseguido chegar até aqui, minha mãe por ser sempre tão bondosa e presente, a minha irmã Jordana Pires que é a melhor pessoa deste mundo, se inspira em mim e me dá forças para continuar lutando nesta vida.

AGRADECIMENTOS

Obrigada Pedro Henrique e Ludymila Samara por estarem sempre tão preocupados e dispostos a me ajudarem nesta jornada. Obrigada a todos os amigos que durante minha vida se tornaram a família que eu escolhi e ao meu namorado João Paulo por ser alguém tão incrível e acreditar em mim. Agradeço a todos os professores que me passaram seus conhecimentos e estavam sempre tão dispostos a ensinar, em especial a professora Sabrina Moreira por ter me ajudado em um momento muito difícil durante a pandemia, ela me mostrou o quanto vale a pena acreditarmos nas pessoas, a professora Bernadete Coelho que sempre foi uma grande inspiração desde criança e esteve muito preocupada, a professora Silvana Monteiro que também foi muito importante nestes anos, desde o primeiro semestre. Agradeço também a professora Dr^a Eliani Covem que foi tão dedicada, compreensiva, me ajudando chegar até aqui, com toda paciência e me dando bons conselhos. Um grande agradecimento as pessoas que se disponibilizaram a participar do documentário, dedicando seu tempo, abrindo seus corações e confiando na minha capacidade de transformar as histórias deles em algo tão especial.

RESUMO:

O documentário *O amor que deveria ser leve* mostra o lado de filhos que passaram ou passam por relacionamentos não saudáveis dentro do contexto familiar. Com histórias do passado e os traumas que causaram em suas vidas adultas, os entrevistados contam quem foram estas pessoas, alguns fatos relevantes para eles e como isso moldou a personalidade de cada um. A psicóloga procura dar significações sobre este contexto familiar que é tão santificado, em que os pais acreditam serem perfeitos e seus filhos não tem voz. A proposta deste documentário é mostrar às famílias atuais e futuras que um lar pode ser mais saudável, sem traumas, sendo uma casa com muito amor e respeito.

PALAVRAS CHAVE: Documentário, família, relacionamento tóxico, filhos, pais.

ABSTRACT:

The documentary *Love, that should be soft*, shows the side of children who have gone or are going through unhealthy relationships in their family context. With stories from the past and the traumas they caused in their adult lives, the interviewees tell who these people were, some relevant facts to them and how this situation has shaped each person's personality. The psychologist tries to give meanings about this family context that is considered so sanctified, in which parents believe they are perfect and their children have no voice. The purpose of this documentary is to show current and future families that a home can be healthier, without trauma, being a home with lots of love and respect.

KEYWORDS: Documentary, family, toxic relationship, sons, parents.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I	11
REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
1. Documentário.....	11
1.1. Documentário – conceitos e teorias.....	11
1.2. Técnicas de produção do documentário.....	13
1.3. A história do documentário no Brasil.....	16
2. Relacionamentos parentais	19
2.1 Relacionamentos tóxicos.....	20
2.2 Relacionamentos abusivos.....	22
2.3 Mães narcisistas.....	24
2.4 Alienação parental	25
2.5 Direitos da criança e do adolescente.....	27
2.6 Inventário de Estilos Parentais (IEP).....	29
2.7 Casos conhecidos de relacionamentos não saudáveis entre familiares.....	30
2.8 O amor que deveria ser leve.....	33
CAPÍTULO II.....	35
MEMORIAL.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	43
APÊNDICE I ROTEIRO.....	43
APÊNDICE II AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	55
APÊNDICE III AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO.....	58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como produto o filme documentário *O amor que deveria ser leve*. O filme mostra histórias de pessoas que viveram situações tóxicas e/ou abusivas dentro do contexto familiar e que entendem que família não deveria ser assim. Os entrevistados contam algumas destas situações e como superaram ou como ainda estão passando por isso.

O documentário se baseia principalmente nas histórias mais marcantes para estas quatro pessoas, como elas acreditam que isso moldou a personalidade delas e também nas explicações por parte da psicologia de como estes processos podem ferir uma pessoa. As quatro pessoas contam que a infância se perdeu na memória delas, ficando quase que somente histórias dessas violências psicológicas e isto é explicado também pela psicóloga, o porquê acontece.

A relação familiar é complexa, melindrosa e sensível. Partindo dos primórdios do conceito de família, os pais estão sempre acima dos filhos, os criadores são os donos da razão, enquanto os filhos são seres que devem aceitar tudo e não debater, sobretudo numa criação patriarcal e conservadora. No documentário é mostrado que esta relação de obediência e submissão muitas vezes traz reflexos nos relacionamentos futuros destes filhos e não é algo saudável.

Além dos pais, as relações não saudáveis nos contextos familiares podem partir de outros integrantes, como é mostrado pela entrevistada Vitoria, que sofreu duramente com seu relacionamento com a esposa do seu pai. A autora deste trabalho, Juliana Rio Branco conta que ficou traumatizada até mesmo em andar de carro, pois isto a faz lembrar de situações com seu pai, a pessoa que causou violência psicológica em sua infância e até na vida adulta.

A entrevistada M.O, que preferiu não se identificar mostra como a relação com sua mãe é possessiva e doentia, chegando até mesmo em disputas de quem é mais bonita, partindo de sua mãe. O entrevistado Carlos conta que os pais vivem um relacionamento tóxico e isso foi passado para ele, pois estava presente naquele ambiente. Carlos também fala sobre como a relação dele com o pai foi se complicando com o passar do tempo. A psicóloga Luciana Pires analisa como pode ser prejudicial estas relações, que a família precisa de diálogo e que é

importante o tratamento com terapia. Quando não há solução que mantenha a família unida, o melhor é a vítima se afastar, para manter a saúde mental.

Para a realização deste documentário foi necessário muito estudo sobre o produto documentário, sua história – com início marcado pelo trabalho dos irmãos Lumière em Paris, a partir de 1895, seu desenvolvimento e produção, além de pesquisar a fundo sobre o tema escolhido.

O documentário marca de forma indelével o cinema mundial. Para Nichols (2005, p. 26) “Todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela”. Lucena (2004) diz que os documentários apresentam cenários que precisam ser debatidos, sendo muitas vezes questões de cunho social. Por ter personagens reais, histórias que realmente aconteceram, chamam atenção dos mais diferentes públicos e são capazes de ter tanta força, que podem ajudar a resolver as questões mostradas.

A metodologia do produto iniciou-se com as pesquisas a respeito de teorias e autores, principalmente por meio *on-line*, construindo um referencial teórico sólido. A escolha dos entrevistados foi feita de forma muito cuidadosa, buscando compreender que seria necessário mostrar mais de um aspecto. Dentro da proposta estavam as entrevistas presenciais em locais que já estavam organizados para ornar o produto, mas infelizmente pouco tempo antes de iniciar o processo começou a pandemia da COVID19, que então fez com que adiasse em seis meses este projeto, a fim de que tudo já teria melhorado. Como isto não aconteceu, foi necessário fazer grande parte de forma *on-line*, para manter a segurança de todos os envolvidos.

Após diversos percalços que prejudicaram muito o andamento e datas do documentário, iniciou-se o processo de decupagem das cenas determinadas mais importantes, que acabou se perdendo, tendo que ser iniciado novamente o processo de decupagem. Após a decupagem concluída, iniciou-se o processo de roteiro, com sequências que já estavam mentalizadas desde o princípio. Quase no fim do roteiro foi perdido uma das entrevistas, já estando no prazo final para a edição, foi necessário encontrar uma outra pessoa para poder suprir esta necessidade, como a entrevista perdida era da psicóloga, foi preciso buscar via Instagram, perfis de profissionais especializadas na área da família. Mas com o prazo se esgotando, as profissionais não responderam em tempo hábil. Quase no fim da noite uma das psicólogas respondeu e a entrevista foi realizada no outro dia, assim o roteiro precisou ser refeito durante a madrugada, recolocando cenas e encaixando esta última entrevista de forma que tivesse o resultado desejado. Todas as entrevistas ultrapassaram a faixa de dez minutos.

Então havia muito material, o que se tornou até difícil para escolher as melhores falas, chegando assim no resultado próximo ao tempo permitido para o filme. Além das entrevistas, foram escritos os créditos, escolhidas as imagens para serem utilizadas durante as falas dos entrevistados, imagens essas que são de famílias que se amam e se respeitam, que é uma forma de homenagem a elas. A montagem e edição do filme foi realizada pelo técnico do laboratório de TV do Campus V da PUC Goiás, Francisco Bernardoni, que utilizou os programas de edição de imagem Adobe Premier, After Effects e Adobe Photoshop.

Todas as etapas foram realizadas com total apoio e orientações assertivas da orientadora Eliani Covem, que entendeu o quanto o processo era delicado, pois é um tema sensível, principalmente por ter a autora como vítima de relacionamento tóxico familiar. Apesar dos momentos diversos de dificuldades e problemas acontecidos, foi um momento que trouxe muito aprendizado.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEORICO

1. Documentário

O filme documentário é um gênero cinematográfico de não ficção, que conta histórias reais por meio de imagens e sons. Se apresenta como forma de retratar a realidade, com traços do cotidiano e é utilizado diversas vezes para expressão de fatos da sociedade. Um dos principais objetivos do documentário é registrar fatos, histórias e personagens reais. De acordo com Lucena (2004), esse registro de fatos começou com os irmãos Lumière em 1895, em que eram utilizadas imagens do cotidiano. O autor explica que o que é conhecido como documentário nos dias atuais se firmou a partir do ano de 1920, com filmes de Roberto Flaherty.

Os filmes de Flaherty, *Nanook of the north* e *Moana* (1926) inspirariam a famosa crítica escrita pelo produtor e documentarista inglês John Grierson e publicada no *New York Sun* em 8 de fevereiro de 1926, em que foi usado pela primeira vez a palavra *documentary* (ou “documentário”), inspirada no termo francês *documentaire*, que denominava os filmes de viagem. “É claro que *Moana*, sendo uma exposição visual dos eventos cotidianos de um jovem polinésio e sua família, tem valor como documentário”, afirmou Grierson (LUCENA, 2004 p. 9).

1.1 Documentário – conceitos e teorias

Segundo Nichols (2005, p. 26) “Todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela”. O autor separa entre duas categorias de filmes, que são os “documentários de satisfação de desejos” e os “documentários de representação social”. Cada um desses tipos mostra histórias ou narrativas de espécies distintas. O diferencial entre tais narrativas está em aspectos e características de expressão. Os documentários de satisfação de desejos é basicamente a ficção, que expressam e exageram os medos, desejos, traços da imaginação. De forma oposta os documentários de representação social, ficam classificados

os filmes que mostram a realidade onde já se vive, aquilo que é crível. Tanto um, quanto o outro podem se tornar verdades, dependendo apenas do que se quer acreditar.

Como histórias que são, ambos os tipos de filme pedem que os interpretemos. Como “histórias verdadeiras” que são, pedem que acreditemos neles. A interpretação é uma questão de compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores. A crença depende de como reagimos a esses significados e valores (NICHOLS, 2005, p. 27).

Para Ramos (2008, p. 22) o documentário é uma narrativa com imagens e sons.

Segundo o autor:

O documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa (RAMOS, 2008, p. 22).

Lucena (2004) explica que o documentário é um conteúdo audiovisual produzido, podendo ou não ser editado, que apresenta de forma refletiva uma visão do criador, assim podendo nem tudo naquele conteúdo ser verdade. Com dados, locais quase sempre de acordo com a realidade e não estando sempre com o intuito de trazer lucros e fins comerciais. Já o conceito de ficção busca divertir, contém atuação, simulações de ambientes, entre outras coisas. “Nos últimos anos, essas duas categorias têm se misturado mais e mais, fazendo que o documentário e o filme de ficção sejam separados por uma linha cada vez mais tênue (LUCENA, 2004 p. 16).

Para o autor, os filmes documentários por diversas vezes apresentam situações em que necessitam de um olhar atencioso, costumeiramente questões de cunho social. Como os personagens são reais, histórias reais, ele tem sua força aumentada, é capaz de chegar aos mais diferentes públicos, não apenas aqueles que se interessem pelo tema central do produto. A partir de um documentário, podem surgir interesse por melhorar ou solucionar a questão envolvida.

Os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2009, p.27).

O documentário não tem como obrigação a total utilização da verdade, é construído por um enfoque, seja este enfoque do diretor, de quem construiu aquela narrativa ou de como a produção ocorre. Para Zandonade e Fagundes (2003, p. 15), “O vídeo documentário se

caracteriza por apresentar determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira mais ampla e pela sua extensão interpretativa”.

Mesmo não tendo obrigação total da verdade, é importante estar próximo ao máximo do que é a realidade, não perder a essência do acontecido. O que é considerado difícil, pois não há como ser completamente idêntico ao fato. Para Da-Rhin (2004, p. 145) “a imagem cinematográfica é essencialmente trucada, um artefato por natureza, nunca o reflexo transparente do real”.

Nichols (2009) categorizou o documentário em seis modos, que considera subgêneros do documentário, sendo eles: expositivo, observativo, reflexivo, participativo, performático e poético. Para atingir o objetivo de expor o que se propõe para a construção do filme documentário, pode ser utilizado mais de um modo.

O documentário *O amor que deveria ser leve* tem como principal intenção apresentar relatos de pessoas que sofreram ou ainda sofrem com relações tóxicas, abusivas e/ou agressivas. Por meio de entrevistas e informações, o objetivo é o de fazer com que o público entre em imersão e reflita sobre a seriedade deste problema. O filme foi produzido dentro das características do modo participativo e expositivo (NICHOLS, 2009), pelo motivo de que uma das personagens do filme é a própria autora do trabalho. Também o modo expositivo que mostra a realidade captada pela câmera, sobretudo com uso de entrevistas.

O modo participativo, como o próprio nome determina, traz a participação do documentarista e até mesmo, em alguns casos, da equipe de gravação, como foi realizado em alguns filmes do documentarista brasileiro Eduardo Coutinho, como *Santo Forte* (1999), por exemplo. O diretor, portanto, torna-se um sujeito ativo no processo de gravação, pois aparece em conversa com a equipe e provoca o entrevistado para que este fale. Ou ainda, como é o caso do filme *O amor que deveria ser leve*, o diretor torna-se um dos personagens do filme, contando sua história de vida junto com outras pessoas escolhidas para o documentário.

1.2. Técnicas de produção do documentário

Os filmes documentários exigem etapas a serem feitas que são de grande importância, para que fique um produto final de qualidade. O documentário é a soma de todo um processo criativo que está desenhado em cada uma dessas fases. A pré-produção é um processo anterior a fase de gravação. Momento em que é elaborada a proposta de filmagem, que servirá como uma espécie de rascunho e direcionamento inicial do que tratará o produto.

A proposta de filmagem, para Puccini (2007) não é um roteiro fechado como usado em filmes de ficção, a história tem que ser aberta a novas descobertas e novos caminhos, além

de não ter a possibilidade de se colocar as falas, pois ainda serão feitas as entrevistas. “A impossibilidade da escrita, na etapa de pré-produção, de um roteiro fechado, detalhada cena a cena, para filmes documentários ocorre ou em função do assunto ou da forma de tratamento escolhida para a abordagem do assunto” (PUCCINI, 2007, p. 75).

O autor explica que essa fase é importante principalmente para aqueles que querem seguir a área de documentarista e precisam de um patrocinador do projeto, que tem por diversas vezes temas de interesse pessoal do criador, além de outras temáticas como projetos em empresas, instituições filantrópicas e outros. Esta proposta de filme serve como cartão de visita do realizador a ser apresentado aos possíveis financiadores do projeto. Na justificativa, “deverá se valer de meios de persuasão para convencer os interessados a apoiar o projeto” (PUCCINI, 2007, p. 76).

A justificativa pode ser incorporada na fase de pesquisas, após a aceitação da proposta de filmagem, segundo o autor. Então, iniciam-se as pesquisas de dados que, dependendo do tema, podem ser encontrados de muitas diversas maneiras, como em revistas, jornais, gráficos, fotos, arquivos de vídeos, gravações de áudio, além de verificar possíveis entrevistados. Deve-se, no entanto, levar em consideração a necessidade de autorização para se utilizar qualquer uma dessas fontes.

Na fase da pesquisa também é feita a busca e planejamento dos locais de gravação. Quando os encontrar, verificar se o local está ligado com o seu tema. Quem irá participar da produção poderá se habituar com o ambiente e com os moradores locais se houver, buscar a informação se precisará de autorizações para gravar nesse ambiente, seja público ou privado (PUCCINI, 2007).

Ir previamente ao cenário das filmagens é de suma importância para definir materiais necessários, se terá a necessidade de utilização da luz artificial ou apenas a luz natural do ambiente, possíveis barulhos que poderão atrapalhar o som do documentário. Puccini (2007, p. 88) argumenta que “Mapear e fazer um cuidadoso estudo das locações pode ser útil para prevenir possíveis imprevistos ou problemas técnicos relacionados à iluminação e captação de som além de fazer com que o documentarista se familiarize mais com o universo abordado”.

A produção do filme é a próxima fase após a etapa das pesquisas serem concluídas, pelo menos momentaneamente pois, como o autor explica, as pesquisas podem seguir durante as gravações. Esse é o momento para entrar em contato com os entrevistados, analisar qualquer assunto que precise ser combinado antecipadamente.

Quando as entrevistas forem realizadas é necessário posicionar as câmeras de forma correta como indica Puccini (2007), com variação de enquadramentos, que começa com um

plano aberto e quando se quer dar um tom intimista, mais detalhado, colocando a atenção mais focada e até mesmo um ar mais dramático, fechar no rosto da pessoa entrevistada. Essa variação mesmo sendo chamada de clichê por alguns autores, para Puccini (2007) traz ao documentário uma variabilidade, uma performance diferente que não cansa tanto, principalmente se for uma entrevista extensa.

As opções quanto ao tipo de enquadramento geralmente ficam restritas às composições em plano médio, primeiro plano e *close up*, podendo eventualmente o entrevistado ser mostrado de corpo inteiro. Não há muito sentido em se filmar toda uma entrevista em grande plano geral, fazendo com que o entrevistado ocupe um espaço mínimo do quadro (PUCCINI, p. 138).

Para o autor o uso de tripé é necessário dependendo do local a ser filmado. Em entrevistas que já foram agendadas e com local definido se faz o uso para que descanse o operador de câmera e para ter uma imagem mais estabilizada. Caso seja, por exemplo, na rua, não se faz necessário o uso do tripé, é melhor a utilização das mãos para dar maior flexibilidade, movimentação e que facilita o estilo das gravações.

Depois de concluídas as gravações, é feita a decupagem de todo o material gravado. A decupagem é um processo extenso dentro das etapas de criação de um filme documentário. Essa fase tem a finalidade de ajudar na elaboração de um roteiro, pois todo o trabalho desempenhado vai criando forma a partir da etapa de pós-produção. Esse trabalho de decupar as filmagens, é feito pelo diretor que analisa quais partes são mais importantes e irão compor o material que será apresentado (PUCCINI, 2007).

Para auxiliar na montagem é necessário que se crie um roteiro de edição com colocações importantes, que auxilie o editor para que o produto final tenha a mensagem correta que o diretor quer passar. De acordo com Puccini (2007), muitos documentários têm o desfecho e caminhos a serem mostrados nessa fase de pós-produção, em que é resolvido quais trechos serão colocados. “Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função voltada não mais para orientar diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador, ou editor do filme” (2007 p. 22).

Com o roteiro finalizado, cabe ao documentarista ter o controle de todo o projeto, é o momento em que ele tem essa autonomia adquirida, segundo o autor. A montagem do documentário depende de como está no roteiro, em como estão as coordenadas das sequências de imagens e sons que define a linha do documentário. Até sendo um filme com imagens aleatórias, de filmagens do cotidiano, ele precisa ter uma trajetória, que justifique aquelas imagens, para que se torne um filme.

Essa lógica pode ser a de dar forma a um impulso estético (documentário poético), a um registro amador que adquire importância histórica (Brasília segundo Feldman, de Vladimir Carvalho, por exemplo), a um exercício de maior experimentação autobiográfica, à necessidade de informar a respeito de um determinado evento ou situação, entre outras tantas variáveis (PUCCINI, p. 176).

Após ser feito um copião, que se refere a uma montagem anterior a que será o filme final, em que apenas faz os cortes e coloca todos os planos do filme em ordem narrativa que consta em roteiro. Quando a montagem final fica pronta isso fica mais evidente, pois é cortado tempos mortos e outras coisas não essenciais. Quando for apresentado o resultado, o filme precisa ter todas as informações importantes que levem ao público a entender qual a proposta colocada pelo diretor. Puccini (2008, p. 182) afirma que “raras são as vezes em que se verifica o percurso inverso, de acréscimo ao invés de decréscimo de cenas e planos, bem como de tempo em cada um desses planos que registram as ações do filme”.

1.3.A história do documentário no Brasil

O cinema no Brasil teve início em 1896, com exibições de imagens em movimentos que serviam de entretenimento para as pessoas, juntamente com o teatro de variedades e cafés concertos. As imagens com movimento – que inicialmente não tinham sons, apenas alguns continham legendas – eram exibidas na primeira sala de exibição no Rio de Janeiro, em que um dos donos era Pascoal Segreto. Essas imagens vinham de fora do Brasil, geralmente Nova Iorque ou Paris. Eram feitas viagens até essas cidades para ter o material e também realizar compras de novos equipamentos.

No retorno de uma das viagens, Afonso Segreto, que era o irmão de Pascoal, registrou a entrada de um navio na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro e essa foi considerada a primeira tomada feita no Brasil. Após essa primeira tentativa, os irmãos passaram a registrar também acontecimentos cívicos, imagens que mostravam as diferentes regiões no país e a elite brasileira. Segundo Gonçalves (2006), os antropólogos começaram a utilizar câmeras para registrar imagens sobre a cultura indígena e mostrar para a parte urbana do país que existia muito do Brasil que era desconhecido.

Essas tomadas documentais eram conhecidas como “tomadas de vista” e prevaleceram até o ano de 1908. Essas pequenas produções eram realizadas por todo o país com temáticas regionalistas, mostrando as belezas, costumes e tradições das diferentes regiões (GONÇALVES, 2006, p. 80).

Os principais responsáveis por imagens dessa época que são do acervo da história do cinema brasileiro, são os irmãos Segreto, Major Luís Tomás Reis que foi responsável pelo filme *Os Sertões de Mato Grosso*, Silvino Santos que ficou conhecido por ser autor de *O País das Amazonas* e vários outros. Mas, de acordo com Rodrigues (2010, p. 64), “Imagens das

quais restaram apenas vestígios. Imagens perdidas do cinema mudo, apontando o futuro da maioria dos filmes documentários realizados em outras épocas no Brasil”.

Altafini (1999) cita alguns documentaristas que fizeram produções nesse período de início do cinema no país, como Annibal Rocha Requião, que ficou conhecido por documentar o desfile militar de 15 de novembro. Houve grande contribuição de Rubens Pinheiro Guimarães que era, de acordo com o jornalista “considerado o homem forte do cinema baiano na época”, ele exibiu e distribuiu filmes nacionais e em torno de 1911, associou-se aos documentaristas Diomedes Gramacho e José Dias da Costa, para documentar a Bahia, suas tradições e festas populares.

A partir da década de 1960, a tecnologia ganhou mais impulso com novos equipamentos e o amadurecimento de técnicas de filmagens com inspirações de fora do país, principalmente pelos jovens que iam estudar. Mas, já havia debates desde o início da década de 1950 sobre o que viria ser conhecido como Cinema Novo. Para Altafini (1999, p. XX) “foi no Cinema Novo que o documentário brasileiro alcançou suas maiores realizações. A maior parte dos cineastas cinemanovistas começaram com o documentário de curta-metragem”.

Com o surgimento do Cinema novo, vieram também novos cineastas brasileiros, que debatiam sobre o Neo-Realismo italiano e a chegada da *Nouvelle Vague* francesa. O primeiro que teve início durante a II Guerra Mundial, trazia assuntos realistas, mostrando as dificuldades em que a Europa enfrentava. Enquanto no final da década de 1950, na *Nouvelle Vague* francesa, os diretores saíam do estúdio para documentar o cotidiano, estilo mais próximo ao que os diretores do Cinema Novo no Brasil faziam.

Os novos documentaristas romperam com o modelo clássico a partir da inovação do gênero e da linguagem. Tais inovações deram início ao novo estilo de produção cinematográfica denominado de documentário moderno (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003 p. 25).

Com a utilização de recursos sonoros e manipulação de imagens, uma nova tendência estaria por vir a partir dos anos de 1970, trazendo mudanças muito grandes para a linguagem fílmica. Há exemplos dessas inovações em filmes como *Iracema*, uma transa Amazônica (1974), de Senna e Bodanzky, *Triste Trópico* (1974) e *Congo* (1972) de Arthur Omar. Este último tem grande destaque no meio e como Da-Rin (1997, p. 165) afirma “O único realizador entre nós que fez do conjunto da sua obra um sistemático e diversificado questionamento ao ilusionismo e ao realismo no documentário”. Da-Rin acrescenta que o trabalho de Arthur não é fácil de ser classificado e que não segue as convenções narrativas.

Congo (1972) representa muito bem o modo de Arthur trabalhar. O título faz uma quase óbvia referência às congadas, então era esperado que fosse mais um documentário que

mostrasse a cultura popular. Mas, o formato do filme surpreende e leva a uma “meditação” como Da-Rin (1997) define. O filme tem uma estrutura diferente com letreiros, cenas em uma fazenda que nada acontece e imagens com pouco movimento. O que dá abertura para as pessoas que assistem tenham entendimentos diferentes.

Eduardo Coutinho é considerado um dos maiores documentaristas brasileiros, conhecido mundialmente por seus filmes. Pode ser citado como um marco do autor, na época, o filme *Cabra Marcado para Morrer* (1984), que conta a história de um líder camponês, chamado João Pedro Teixeira, que teve sua morte ordenada por latifundiários do Nordeste. Este filme teve uma longa pausa de dezessete anos por conta do regime militar e Coutinho retomou as gravações após encontrar a viúva de João Pedro, Elizabeth. Apresentando a história da viúva, seu filho Abraão, mostra o drama de uma família camponesa durante o regime militar e as lembranças dessa época são o tema principal. Diversas obras memoráveis do autor foram feitas após *Cabra Marcado para Morrer* (1984), como *Volta Redonda – Memorial da Greve* (1989), *Boca do Lixo* (1992), *Santo Forte* (1999), *Jogo de Cena* (2007) e muitos outros. Considerando também que Coutinho serviu e ainda serve de inspiração para outros documentários que estariam por vir (LINS; MESQUITA, 2008).

Para as autoras, próximo ao final da década de 1990, há um aumento no interesse do público pelo filme documentário, que ganhou força e as produções chegam ao cinema. Três títulos tiveram grande repercussão no ano de 1999, entre eles Coutinho que continua com destaque e tem quase dezenove mil espectadores em *Santo Forte*, *Nós que aqui estamos por vós esperamos*, com autoria de Marcelo Masagão que atingiu a marca de 59 mil espectadores e *Notícia de um Guerra Particular*, de João Moreira Salles, que foi exibido em um canal fechado de televisão e participou de diversos festivais.

São filmes esteticamente distintos que expõem maneiras diversas de abordar temas e personagens. Cada um deles evidencia, de modo particular e emblemático, questões que perpassam toda a produção documental. O quadro é sem dúvida rico e promissor (LINS; MESQUITA, 2008).

O filme *O Prisioneiro da Grade de Ferro* (2004), segundo as autoras, foi filmado dentro do presídio Carandiru pelos detentos, que aprenderam técnicas de produção em um curso dentro do centro de detenção, com a própria equipe do diretor Paulo Sacramento. As filmagens duraram sete meses, que captava os dias dentro do local e o produto final foi exibido na mostra *Première Brasil*, no Festival do Rio em 2003.

Em 2015 foi lançado o documentário *Sal da Terra*, com direção de Wim Wenders, que tem como tema principal o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. O fotógrafo é

mundialmente conhecido e tem obras renomadas. No longa-metragem é apresentado o Gênesis, que é um projeto de expedição em diversas civilizações e regiões do planeta, que a missão é registrar em imagens o que era até então inexploradas. A voz icônica de Cassia Eller, parte de sua vida e trajetória foram retratadas em 2015, no documentário de direção do Paulo Henrique Fontenelle. Ela teve sua vida interrompida em 2001 (REDAÇÃO DO SITE ADOROCINEMA, 2015).

Democracia em Vertigem foi o grande nome do documentário brasileiro em 2019, da diretora Petra Costa. A produção narra o embate político no país com o impeachment de Dilma Rousseff, ex-presidente do Brasil. No filme são mostradas diversas imagens internas do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e do Palácio da Alvorada, durante o período de votação para a retirada da então presidente. O filme mostra memórias pessoais da diretora, com narração da mesma entrelaçada com o período vivenciado por todo o país (REDAÇÃO RÁDIO BRASIL ATUAL, 2020).

O título foi indicado ao Oscar com boas chances, mas acabou perdendo para o documentário Indústria Americana (2019). E mesmo que não tenha ganho a estatueta, Democracia em Vertigem ficou na lista de melhores filmes do ano feito pelo jornal The New York Times, com crítica positiva e muitos admiradores.

Mas, mesmo quando contém personagens conhecidos, o gênero de documentário não chega perto do número de espectadores e retorno de filmes ficcionais. O gênero documentário está em constante evolução e muitos diretores estão trabalhando com temas para reflexões e debates entre o público.

2. Relacionamentos parentais

O amor que deveria ser leve foi idealizado para desmistificar e não romantizar a relação entre pais e filhos. A forma em que os genitores educam seus filhos está ligada de modo direto ao desenvolvimento deles, como os pais usam o seu poder, afeto e autoridade podem formar características pessoais, sociais e emocionais.

Não são todos os lares em que isto é usado de forma positiva, havendo muitas vezes a utilização de uma hierarquia opressora e não obtendo uma relação harmoniosa, em que pode acarretar traumas levados para a vida adulta. Sendo assim, foi necessário produzir o documentário *O amor que deveria ser leve* (2021), Juliana Rio Branco, para mostrar que existem relações parentais em que precisam ser revistos os métodos utilizados para formação e condução da família.

Os relacionamentos tóxicos, abusivos e até agressivos não estão associados apenas a relacionamentos amorosos, mas parte de qualquer ligação entre pessoas que não seja saudável e faça mal para uma ou mais pessoas. Quando os filhos são as vítimas dessas relações, há um tabu maior para se falar deste tema. Este documentário tem o intuito de alertar e ajudar no rompimento da naturalização dos relacionamentos não saudáveis no ambiente familiar, que está presente culturalmente como o modo correto de educar os filhos, seja com castigos, agressões físicas ou psicológicas.

Casos de violência psicológica são, em muitos casos, velados e negligenciados, utilizando a desculpa de que os atos agressivos são cometidos para cuidar e proteger, mesmo quando isso machuca os filhos de forma direta ou indireta. De acordo com Magalhães (2017), crianças e adolescentes que sofreram este tipo de violência carregam traços do ocorrido, demonstram medo e ansiedade.

Considera-se violência moral a conduta que configura difamação, calúnia e/ ou injúria, e violência psicológica, quando causa dano emocional, como ansiedade e medo, ou prejudique o pleno desenvolvimento, a exemplo de ameaças, isolamento, perseguição, ridicularização, constrangimento e humilhação (Magalhães, 2020 p.128).

Casos de violência psicológica são, em muitos casos, velados e negligenciados, utilizando a desculpa de que os atos agressivos são cometidos para cuidar e proteger, mesmo quando isso machuca os filhos de forma direta ou indireta. De acordo com Magalhães (2017), crianças e adolescentes que sofreram este tipo de violência carregam traços do ocorrido, demonstram medo e ansiedade.

2.1 Relacionamentos tóxicos

Relacionamentos tóxicos são relações que permeiam ações não saudáveis, que transmitem emoções negativas, fazendo com que os indivíduos que estão nessa relação tenham prejuízos emocionais. Esta categoria de relacionamento tem como principal vertente o fator psicológico, sendo uma relação disfuncional, colocando em assimetria o modo de tratamento entre os indivíduos, em que um busca poder, principalmente poder emocional perante o outro.

É uma relação empobrecida do ponto de vista emocional, pouco criativa, permeada por um vínculo destrutivo, alimentado pela dependência emocional. A pessoa se sente refém do relacionamento, aprisionada, com suas autopercepção, autoestima e capacidade de pensamento crítico abaladas. (Bento 2018, p. 1)

Para que o relacionamento seja considerado tóxico, ele não precisa tratar-se de um relacionamento com violência física ou brigas contínuas. As ocasiões de atitudes tóxicas ocorrem inicialmente em episódios com simples feitos, em que seja até complicado notar algo errado. Como dito por Dell’isola (2019, p. 1) “Nesse sentido, muitas das vítimas deste tipo de relacionamento não conseguem perceber o que estão passando, nem seus terapeutas”.

O relacionamento tóxico não está exclusivamente ligado a apenas relações amorosas, mas pode advir de relações parentais, colegas de trabalho e qualquer ligação humana. Dentro de um lar, o fato de ter gritos excessivos pelo pai ou mãe pode ser tratado como um relacionamento não saudável, em que tudo é resolvido e mandado em tons de vozes alterados. Este tipo de comportamento dos pais leva a criança ou adolescente ter sequelas e que se os gritos forem constantes é necessário que os pais busquem ajuda psicológica.

Têm seu impacto no cérebro humano e no desenvolvimento neurológico da criança, já que o ato de gritar tem uma finalidade muito concreta em todas as espécies, que é a de alertar um perigo. O nosso sistema de alarme se ativa e libera cortisol, o hormônio do estresse, que tem como finalidade habilitar as condições físicas e biológicas necessárias para fugir ou lutar (GONZÁLES. 2018, p. 1).

Se os gritos se tornam parte da rotina, faz com que tenha uma liberação muito grande e permanente de cortisol e irá afetar de maneira direta a formação correta do cérebro da criança, fazendo com que o hipocampo tenha um tamanho reduzido, Gonzáles (2018, p. 1) ainda reforça que “O corpo caloso, ponto de união entre os dois hemisférios cerebrais, também recebe menos fluxo sanguíneo, afetando assim o seu equilíbrio emocional, a sua capacidade de atenção e outros processos cognitivos”.

Baseado em estudos do psicólogo clínico Seth Meyers e do professor Preston Ni, o site Incrivel.club (2019) fez uma lista em que se pode notar ações tóxicas dos pais para com os filhos:

- O pai ou mãe utiliza do medo para que as crianças façam o que eles querem. Eles têm ataques emocionais fortes, fazendo com que o filho sinta pavor ao saber que o familiar chegou em casa;
- Os pais tóxicos passam de maneira exagerada seus dramas ou traumas para a criança, sendo que ela não tem o mesmo entendimento de um adulto, fazendo com que o filho tenha uma maneira diferente de compreender e sendo cobrada por ajuda, colocar-se no lugar do progenitor ou que o console;
- Cobranças exageradas para que o filho ou filha seja melhor que qualquer outra pessoa sempre e se conseguir alcançar algum feito esperado, não recebe felicitações, mas apenas “não fez mais que sua obrigação” e se a criança não atinge o objetivo esperado,

é humilhado, recebe comentários que baixam a autoestima, levando a entender que é uma pessoa não suficiente;

- Não guardam os segredos de seus filhos. Os pais tóxicos precisam falar da vida de seus descendentes para outras pessoas ou eles retiram informações que os filhos muitas vezes pedem segredos e os pais utilizam dessas informações para humilhá-los mais;
- Pais tóxicos se entusiasmam para falar dos defeitos e fracassos dos filhos, fazendo com que se sintam diminuídos e com baixa autoestima, principalmente com relação a aparência física;
- A necessidade de que os filhos tenham sucesso na vida, mas ao mesmo tempo fique sempre com os pais, é mais um sinal tóxico. Os pais que estão nessa condição, precisam do sucesso dos filhos para demonstrar aos outros, causando até mesmo inveja. Mas, os querem o tempo todo próximos, para que não se sintam sozinhos e se ficam sem a companhia dos filhos o julgam como ingratos;
- O pensamento de posse sobre os filhos faz com que os pais entendam que tem o direito de total controle na vida dos seus descendentes. Mesmo quando eles estão adultos e deverão agir por conta própria. Esses pais geralmente agem de forma negativa nesses planejamentos, sempre colocando objeções e lembrando que se algo sair do controle a culpa é do filho;
- Quando o filho adulto decide sair de casa para construir a própria vida e atingir a liberdade, em famílias saudáveis é tratado de forma normal, em que é o processo natural. Mas, quando se fala em famílias tóxicas, os pais falam que os filhos devem sair de casa, mas se o filho toma esta decisão, ele é humilhado;
- A ajuda dos pais é algo comum entre as famílias, mas se os filhos a dispensam torna-se motivo para brigas entre famílias tóxicas. Os pais usam de artifícios como “Eu sou inútil” para dramatizar com o filho, fazendo com que ele esteja sempre presente nas ações dos filhos;
- A privacidade é algo constantemente desrespeitada pelos pais tóxicos. Mesmo quando os filhos são adultos e não existe a necessidade de vigilância para a segurança dos filhos, que mesmo quando são crianças precisam ter o seu o espaço preservado. Quando estes pais vasculham os objetos ou investigam a vida do filho são acusados do fato, no entanto os genitores reverterem a situação e culpam os filhos por não confiar em seus próprios pais.

2.2 Relacionamentos abusivos

Os relacionamentos abusivos são mencionados geralmente em relações amorosas, quando o homem está em grande parte como o abusador e a mulher a vítima. Mas, como verificado por Lemos (2016), o abuso pode estar relacionado a qualquer categoria de relacionamento, sendo praticado por qualquer tipo de pessoa, com qualquer idade ou sexo. A autora categoriza o relacionamento abusivo sendo aquele em que o indivíduo abusivo manipule, humilhe, controle e use a vítima, ainda faz com que ela se sinta culpada. Para Lemos (2016, p. 02), “vivenciar esta relação adoce as pessoas. Elas se sentem mal com elas mesmas, prejudicando sua autoestima e despertando quadros depressivos e/ou ansiosos”.

Todo relacionamento abusivo inicialmente é um relacionamento tóxico, ele atravessa fases. O principal ponto para o abusador é a sensação de poder que ele tem, então ele utiliza deste poder para atingir o objetivo que deseja e a vítima é como o seu objeto. De acordo com Foucault (1995), o poder está em qualquer interação e relacionamento humano, em que pode ser somado a violência para que tenha uma submissão e a vítima seja passiva. Esses tipos de relação que são compostas por poder são instáveis, em que não se mantêm do mesmo modo, fazendo com que os indivíduos que sofrem o abuso recobrem a consciência em algum momento, mesmo que demore.

Dentro dos relacionamentos é difícil perceber se o indivíduo está sendo abusivo, pois são nuances que podem ser confundidas com algo momentâneo, em que não foi proposital a pessoa agir de maneira que machuque ou abale outra pessoa. Mas, como dito por Conti em entrevista para Pollo (2017), um relacionamento abusivo pode ser notado quando se tem mais perdas para uma pessoa e mais ganhos para outra. Nessas relações um lado sempre cede e sofre, enquanto a outra parte abusa de seu poder e sempre está em total controle. A psicóloga afirma também que “todo relacionamento sofre nuances, assim como nosso humor no dia a dia se altera. Mas existe um ponto nas relações que pode indicar um desajuste maior do que o esperado” (POLLO, 2017).

Existem diversos formatos de famílias abusivas, em que tem características diferentes de uma para a outra. Lima (2019) explica que o processo de identificação e entendimento que está em uma família abusiva demora. Esse esclarecimento em grande parte das vezes chega quando há um grau de maturidade, quando, por exemplo, o filho está mais velho e busca informações sobre o assunto, então há a percepção que as ações da sua família não colaboram para o seu desenvolvimento.

Nós temos, por exemplo, o pai que protege demais os seus filhos, que tenta controlar ou decidir toda a vida dele, o que acaba por impedir que essa criança ou jovem se

desenvolva. Esse comportamento cria filhos dependentes, que não têm coragem de assumir a própria vida e que sempre acabam dependendo dos pais. Também temos o oposto, aqueles pais que acabam por agredir os filhos, muitas vezes através de palavras, mas que também pode evoluir para algo físico (LIMA, 2019, p. 1).

Quem tem um convívio com abusos, humilhações, relação de poder e opressão compreendem em muitos casos que são comportamentos naturais e comuns, que acontece em todos os lares. Gerando também sentimentos negativos e como consequência acarreta traumas.

O relacionamento abusivo abrange vários sentimentos negativos, como ansiedade, estresse, culpa, medo, baixa autoestima e isolamento, entre outros. Uma criança ou adolescente que sofre abuso emocional, por exemplo, pode desenvolver um comportamento antissocial, inseguro e depressivo. Caso a situação não seja tratada como deve, a pessoa se tornará vulnerável a ambientes tóxicos, e terá dificuldades para se impor e tomar decisões sobre o seu futuro. Ela também pode ter problemas com o uso de substâncias químicas, além de doenças físicas e psicológicas (CARVALHO, 2020, p. XX).

Para ajudar a identificar se é uma vítima desse tipo de relação, é preciso de acordo com Conti (POLLO, 2017), prestar atenção a atos repetitivos, como um ciclo. Momentos de tensão que são ocasionados por atos sem significância é um primeiro sinal de alerta, após podem acontecer eventos abusivos para com a vítima como ameaçar, vitimizar, intimidar, culpar, reverter a culpa, gritar. Após estes eventos a pessoa abusadora irá se desculpar ou achar alguma explicação para ter cometido o erro e assim manipula a vítima para perdoá-lo. Só chega a um fim quando a vítima percebe o que está acontecendo e decide sair dessa relação. Mas, essa quebra de ciclo pode demorar, pois a vítima se torna em muitos casos dependente emocionalmente do abusador.

2.3 Mães narcisistas

Dentro dos relacionamentos tóxicos e/ou abusivos, se encaixam as mães narcisistas. O narcisismo é um transtorno psicológico que desencadeia diversas atitudes desta mãe para com os filhos. A mãe narcisista tem um perfil cognitivo e comportamental característico. Uma mãe narcisista transfere medos, sonhos não realizados e frustrações para seus filhos, além de criar um ambiente competitivo com eles. Estas genitoras aproveitam o fato de estarem em situação de serem autoridade para criarem uma relação de abuso com seus filhos, elas manipulam através do amor incondicional, fazem acreditar que são inferiores, afetando diretamente a saúde mental dos filhos, assim explica a Engelke (2020).

Não tem empatia (característica mais marcante do perfil da mãe narcisista): narcisistas são incapazes de se identificarem com o sofrimento alheio de forma

genuína e consistente com as necessidades dos outros. Como são egoístas e egocêntricos (as), recusam-se a reconhecer quando alguém precisa de ajuda ou apoio emocional. A mãe narcisista constantemente subestima e conscientemente ignora a dor de sua filha, enquanto insiste que esta se dedique incondicionalmente a atender suas próprias carências (ENGELKE, 2020).

Esse perfil de mãe se caracteriza por algumas ações, como listado por D'ellisola (2019):

- Estar correta em qualquer situação. Essas mulheres não aceitam estarem erradas ou serem contestadas, tão pouco permitem que os filhos pensem de maneira distinta dela;
- Impor condições para amar seus filhos. De forma manipulada, essa mãe irá fazer com que seu filho siga suas vontades, para que o filho continue se sentindo amado, elas interferem em qualquer decisão dos filhos, mesmo quando são adultos;
- Reproduzir o comportamento, roupas e outras características da filha, gerando competição entre elas, querendo ser exaltada como melhor e mais bonita;
- Não se importam com os sentimentos dos filhos. Para essa mãe, apenas os sentimentos, acontecimentos, alegrias e dores dela que são importantes. São consideradas egoístas e egocêntricas. Principal característica do sentimento narcisista;
- No comportamento de indivíduos narcisistas se encontra a característica do perfeccionismo. As mães narcisistas precisam executar suas atividades de modo que considerem perfeitas, o que acaba sendo algo exagerado.

Conviver com uma pessoa com baixa autoestima e que promova uma eterna competição, influencia negativamente toda a família. O filho que está mais disposto a ceder às suas vontades automaticamente torna-se o preferido. Inclusive, isso pode dificultar o relacionamento entre irmãos. Nesse sentido, para conviver bem com a mãe, muitos filhos acabam se auto anulando. Assim, eles acabam cedendo a chantagens emocionais e constantes abusos psicológicos. (DELL'ISOLA, 2019)

Como dito por Dell' Isola (2019), os filhos acabam se tornando praticamente invisíveis, após adultos ainda sim se sentem angustiados, incapazes e que não são uteis para nada, por conta de como foi a fase de seu crescimento. Para as pessoas que convivem com uma mãe narcisista o carinho acaba se tornando uma moeda de troca, resultando em relacionamentos futuros não saudáveis e ficando tristes, com baixa autoestima e até mesmo depressão.

2.4 Alienação parental

Quando um casal decide realizar um divórcio e existem filhos, pode ocorrer conflitos para decisão da guarda da criança ou adolescente. Neste processo pode acontecer a alienação parental que se caracteriza por um dos genitores manipular e ensinar ao indivíduo odiar a outra parte envolvida, marginalizando o pensamento dos filhos sobre o pai ou mãe. O genitor

que causa a alienação tende a fazer com que o filho passe até a entender a outra parte como um estranho, afasta o familiar e tenta quebrar laços também com parentes do outro genitor, como avós, tios e primos (OLIVEIRA 2015, p 6).

De acordo com o autor, há a Síndrome da Alienação Parental, em que os pais ou alguém próxima influência de forma negativa na formação psicológica da criança ou adolescente, fazendo com que ele possa ser induzido a recusar um dos genitores e são colocados obstáculos para a continuação do vínculo de afeto que existe entre pais e filhos. Sendo assim, a Síndrome da Alienação parental, fala sobre os efeitos emocionais e comportamentos que surgem no filho que teve eventos deste processo, que são sequelas instaladas pela Alienação Parental. Para que não haja a síndrome, é preciso que tenha intervenção por meio de terapia e poder judiciário.

Logo após a separação dos pais, quando ainda o nível de conflitualidade é intenso, é comum surgirem problemas e preocupações com as primeiras visitas ao outro progenitor, pois fantasias, medos e angústias de retaliação ocupam o imaginário dos pais e dos próprios filhos, ainda não acostumados com as diferenças impostas pela nova organização da família. Quando os genitores estão psicologicamente debilitados, os aspectos de natureza persecutória, de conteúdos predominantemente paranoide, ligados ao ataque e defesa, podem instaurar uma crise. Esta crise será capaz de desencadear um processo de alienação do outro cônjuge. Num pressuposto de imaturidade e instabilidade emocional, utiliza-se o filho como instrumento de agressividade direcionada ao outro, principalmente, quando padece de sentimentos de abandono e rejeição enquanto fantasmas de uma relação ainda não adequadamente resolvida através de um luto bem elaborado (TRINDADE, 2007, p. 283).

De acordo com o campo do direito brasileiro, que está na lei n.º12.328 de 26 de Agosto de 2010 (BRASIL, 1990), a alienação parental é caracterizada:

Art. 2º Considera-se ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, pelos avós ou pelos que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância para que repudie genitor ou que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos com este.

Parágrafo único. São formas exemplificativas de alienação parental, além dos atos assim declarados pelo juiz ou constatados por perícia, praticados diretamente ou com auxílio de terceiros:

I - Realizar campanha de desqualificação da conduta do genitor no exercício da paternidade ou maternidade;

II - Dificultar o exercício da autoridade parental;

III - Dificultar contato de criança ou adolescente com genitor;

IV - Dificultar o exercício do direito regulamentado de convivência familiar;

V - Omitir deliberadamente a genitor informações pessoais relevantes sobre a criança ou adolescente, inclusive escolares, médicas e alterações de endereço;

VI - Apresentar falsa denúncia contra genitor, contra familiares deste ou contra avós, para obstar ou dificultar a convivência deles com a criança ou adolescente;

VII - Mudar o domicílio para local distante, sem justificativa, visando a dificultar a convivência da criança ou adolescente com o outro genitor, com familiares deste ou com avós.

Nesta lei ainda está descrito no artigo 3º que o ato da alienação parental está ferindo o direito fundamental da criança e do adolescente de conviver de forma saudável com o familiar, prejudicando a construção ou a relação de afeto e relação com o genitor e grupo familiar. Se esta prática for realizada, ainda está sendo constituído abuso moral e não será cumprido o dever dado a autoridade parental ou decorrente de tutela ou guarda.

2.5 Direitos da criança e do adolescente

Dentro de um lar o que se é esperado é que tenha respeito, calma e uma boa educação para as crianças. Mas, há muitos pais que não levam estes atos em consideração, apenas são agressivos e impõem regras, como há muito tempo é percebido e estudado, as relações familiares precisam ser ainda mais avaliadas, levando em consideração os direitos das crianças. Para assegurar os direitos das crianças e do adolescente existe o Estatuto da criança e do adolescente. O ECA foi sancionado em 13 de julho de 1990, pela lei nº8.069, em que está baseada na proteção total destes indivíduos, a qual garante total proteção à vida e saúde. Diversos direitos da criança e adolescente que se encaixam no contexto de relação saudável parental estão dispostos na lei nº8069 (BRASIL, 1990) conforme os artigos:

-Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente;

-Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade;

-Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.;

- Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais; -

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014) Parágrafo único. Para os fins desta Lei, considera-se: (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

I - castigo físico: ação de natureza disciplinar ou punitiva aplicada com o uso da força física sobre a criança ou o adolescente que resulte em: (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

a) sofrimento físico; ou (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

b) lesão; (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

II - tratamento cruel ou degradante: conduta ou forma cruel de tratamento em relação à criança ou ao adolescente que: (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

a) humilhe; ou (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

b) ameace gravemente; ou (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

c) ridicularize. (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

Art. 18-B. Os pais, os integrantes da família ampliada, os responsáveis, os agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou qualquer pessoa encarregada de cuidar de crianças e de adolescentes, tratá-los, educá-los ou protegê-los que utilizarem castigo físico ou tratamento cruel ou degradante como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto estarão sujeitos, sem prejuízo de outras sanções cabíveis, às seguintes medidas, que serão aplicadas de acordo com a gravidade do caso: (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

I - Encaminhamento a programa oficial ou comunitário de proteção à família; (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

II - Encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico; (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

III - Encaminhamento a cursos ou programas de orientação; (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

IV - Obrigação de encaminhar a criança a tratamento especializado; (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

V - Advertência. (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

Parágrafo único. As medidas previstas neste artigo serão aplicadas pelo Conselho Tutelar, sem prejuízo de outras providências legais. (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014).

2.6 Inventário de Estilos Parentais (IEP)

Quando é falado de forma teórica na criação e educação dos filhos, existem estudos e modelos teóricos em que procura analisar de que maneira as práticas educativas dos pais podem moldar o desenvolvimento dos filhos. Um exemplo desse modelo é o Inventário de Estilos Parentais (IEP), que foi criado pela professora Paula Inez Cunha Gomide e equipe. No IEP são apresentadas como algumas práticas executadas pelos pais na educação, pode trazer comportamentos positivos ou negativos das crianças e adolescentes (SAMPAIO, 2007).

De acordo com o autor, o IEP serve de auxílio para profissionais que estão ligados ao trabalho com famílias que podem ter risco social. Ele permite detectar a que condutas parentais a criança ou adolescente está exposto e como pode influenciar no desenvolvimento de comportamentos e ações antissociais. O modelo também possibilita quais práticas precisam ser modificadas, melhoradas ou permanecidas.

O inventário deriva de um modelo teórico composto por sete práticas educativas, sendo duas consideradas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) e cinco negativas (abuso físico, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e punição inconsistente). No manual de aplicação, as práticas estão descritas e são sustentadas conforme a literatura da área (SAMPAIO, 2007. p 125).

A monitoria positiva se trata de quando uma mãe e um pai têm conhecimento sobre a vivência e personalidade do filho, entende-se que os pais que praticam esse método saibam sobre gostos, local que seu filho está, as atividades que são praticadas e preferências. Ao que compõe comportamento moral estão os valores ensinados, que Sampaio (2007, p 125) cita como “honestidade, empatia e senso de justiça aos filhos, auxiliando-os na discriminação do certo e do errado por meio de modelos positivos”.

Quando são criadas regras que ultrapassam um limite considerável, ficam em vigilância excessiva na vida dos filhos e repetem ordem por várias vezes, Sampaio (2007, p. 125) chama de monitoria negativa. Em contrapartida a autora coloca a disciplina relaxada, em que os pais não respeitam as regras colocadas por eles próprios ou até mesmo esquecem que colocaram essas imposições.

Na punição inconsistente os filhos são educados de acordo com o humor em que os pais estão naquele instante, não de acordo com o comportamento do indivíduo, fazendo com que a criança não entenda o que está de fato acontecendo. A categoria de negligência ocorre quando a uma grande ausência por parte dos pais, em que eles não são efetivos na educação dos filhos e não demonstram interesse por qual responsabilidade que cabe a eles. Sampaio (2007) explica que esta categoria pode acarretar insegurança, agressividade, e baixa autoestima.

Como principal causa de comportamentos antissociais dos filhos, além da categoria de negligência, se encaixa o abuso físico. Categoria em que são cometidas agressões físicas, ou práticas que causam dor, desconforto, marcas na pele, para que o comportamento dos filhos seja de acordo com as ordens dos pais.

2.7 Casos conhecidos de relacionamentos não saudáveis entre familiares

Os vídeos sobre a rotina de crianças estão sendo muito viralizados nos últimos anos. Um dos canais mais famosos deste estilo chamado “Bel para meninas”, que possui quase dois milhões de visualizações em cada vídeo publicado, vem sendo criticado, por suspeitas de relacionamento abusivo familiar e ter uma mãe narcisista. Nos vídeos nota-se que a criança em questão demonstra medo apenas do olhar ou qualquer fala de sua mãe.

Uma análise corporal feita pelo perito técnico Victor Santos, baseada em ciências comportamentais caracterizou diversos fragmentos dos vídeos, em que movimentos corporais das duas filhas e da mãe são de pessoas que estão em relacionamentos não saudáveis no contexto familiar. Santos (2020) enfatiza que em vários momentos dos vídeos pode ser notado que Fran (mãe) revela informações pessoais da filha para o público, demonstra ser invasiva, expõe a filha chorando, humilha e menospreza Bel, por situações constrangedoras como tirar nota baixa na escola. Um vídeo em que parece ter tido a intenção de ser cômico, mas demonstra claro desconforto da filha, em que Fran obriga a jovem a beber uma mistura de vários ingredientes e ela vomita. O perito faz a análise supondo que exista algo de errado nesta família, mas o caso, até o momento, segue em segredo de justiça sendo analisado pelo conselho tutelar e outros órgãos competentes.

Em 2017, um canal chamado *DaddyOFive*, comandados por Mike e Heather, era bastante conhecido por realizarem pegadinhas entre os cinco filhos, mas na verdade eles obrigavam seus filhos a se baterem, empurrarem uns aos outros e ainda ficou provado que os pais realizavam torturas psicológicas com as cinco crianças. Após a mãe biológica de dois filhos adotivos do casal ficar sabendo das condições das crianças, ela denunciou a situação e Cody e Emma foram devolvidos a ela. A repercussão foi negativa, depois de noticiada em diversos veículos de grande audiência nos Estados Unidos e o casal apagou quase todos os vídeos do canal, restando apenas um, com um pedido de desculpas.

As acusações de abuso infantil nos vídeos foram divulgadas por meio de internautas e youtubers. Uma petição no site Change.org para que a família fosse investigada pelos serviços de proteção à criança em Maryland reuniu mais de 19 mil assinaturas (BBC, 2017).

Um caso de relacionamento abusivo e de mãe narcisista aconteceu em 2016 e chocou o público, pois terminou em uma tragédia, que culminou na morte da mãe e foi retratado na série americana *The Act*. A história conta sobre a mãe Deedee, que vivia para cuidar da filha Gypsy. Deedee falava para quem perguntasse sobre a filha que ela possuía uma extensa lista de doenças como: Distrofia Muscular, Epilepsia, Asma Severa, Apeia do Sono, problemas na visão, anomalias cromossômicas, além de contar que ela teve leucemia quando era mais nova.

Gypsy vivia em uma cadeira de rodas, usava óculos de grau, era magra e tinha os dentes malcuidados. A menina não podia ter amigos, estudava em casa, tinha pouco contato com qualquer pessoa além da mãe, tudo para que a mentira permanecesse. De acordo com a reportagem feita pelo Buzzfeed (2016), as duas haviam saído da cidade natal de Deedee, para se afastarem do avô de Gypsy, pois elas sofriam abusos dele. Inclusive ele queimou a neta com um cigarro, o que depois foi descoberto que era uma farsa para acobertar as mentiras de Dee Dee.

A mãe inventou todas as doenças da filha, desde os três meses de vida de Gypsy, quando ela se convenceu em que a menina tinha apneia do sono. Assim, durante todos os anos seguintes ela permaneceu criando doenças para a menina, mudando de cidade em cidade para morar em casas do governo, receber ajudar de hospitais e os vizinhos não desconfiarem. Após o furacão Katrina, Deedee usou uma foto de casa destruída pela catástrofe para falar que perdeu os laudos médicos de Gypsy. Com o drama ilusoriamente enfrentado, elas ganhavam muitos auxílios e até mesmo viagens para Disney. Além disso, o pai de Gypsy enviava para ela uma pensão de U\$1200 e presentes que a menina pedia. Mas, para a vizinhança da família, o pai as tinha abandonado. Quando a garota fez 18 anos, ela acreditava ter apenas 14 anos pois a mãe afirmava ser essa a sua verdadeira idade.

Em junho de 2015, Deedee foi encontrada morta em sua casa e sua filha estava desaparecida. Dias depois após conversarem com uma amiga de Gypsy, a polícia descobriu o paradeiro de um suposto namorado da jovem, eles foram até o local e a encontraram saudável e andando sem sua cadeira de rodas. Após investigações foi descoberto que a filha havia assassinado sua própria mãe, com a ajuda do então namorado e que Gypsy não era doente, que tudo foi uma invenção de Deedee. Essa história criada pela mulher são indícios de uma síndrome chamada de Münchausen por procuração, que se trata de doença em que a pessoa cria ou leva alguém ter sintomas físicos e psicológicos para ter atenção e simpatia.

2.8 O amor que deveria ser leve

Os personagens entrevistados no documentário *O amor que deveria ser leve* relatam suas vivências conturbadas dentro dos seus lares. Cada um tem algum tipo de trauma, dor e ferida concebidas com várias ações vindas das pessoas que deveriam ser seus protetores. Para Juliana Rio Branco (2021)¹, houve um momento de ruptura da percepção que tinha de seu pai “Quando eu era criança, bem pequenininha, até mais ou menos os meus oito anos, eu tinha meu pai como meu herói. Eu não enxergava, até mesmo porque eu era criança. Eu não tinha uma visão de quem ele era. Que ele tinha algumas atitudes que não eram bacanas como um pai”.

Muito emocionada desde o início da entrevista, Vitoria (2021)², fala sobre sua madrasta, sobre o motivo dela ter atitudes tão agressivas “Ele casou eu tinha três anos, ela tinha uma filha da mesma idade. Que o meu pai também adotou como filha, ele criou a filha dela. E eu não sei o que aconteceu, eu não sei se ela tinha algum ciúme, ou medo. De talvez eu ocupar um espaço que é meu”. Vitória (2021) ainda conta que

Meu pai é policial militar, fazia plantões. Eu acho que no começo ele esforçava para que eu fizesse parte da família dele. E também eu acho que ele cobrava um pouco disso para a mulher dele, “eu faço pela sua filha. E a gente tem que fazer pela minha também”. Só que eu lembro que esses plantões dele, eu acho que era a parte mais torturante né porque ela me batia, ou ela falava coisas que eu, como criança, não entendia. Tipo “seu pai nunca amou sua mãe”, Você não vai ser nada você não vai ser ninguém”, isso eu com sete a oito anos. E ela me sentava, ela me colocava sentada na mesa. E eu ficava lá três, quatro horas e ela fazia perguntas. Sobre minha mãe, sobre o que aconteceu na minha casa, que ela queria saber as coisas, só que posso se eu nem sabia responder.

Para M.O (2021)³, além de sua mãe ser muito protetora e ciumenta, ela também deixou a filha por várias vezes sendo a responsável da casa, sobrecarregando enquanto ela era apenas uma criança. “E foi uma época que eu senti que eu fui mãe da minha mãe. Enquanto eu estava desenvolvendo, enquanto eu tinha problemas na escola, enquanto eu precisava crescer, eu tinha que cuidar dela em vez de ela cuidar de mim e aí quando ela percebeu isso ela começou a me sufocar”.

Carlos (2021)⁴ revelou que se sente deslocado dentro de casa, situação comum entre as pessoas que passam por relacionamentos tóxicos dentro de seus lares. Ele idealiza como será seu futuro lar construído com a família que irá formar:

¹ Transcrição da entrevista do filme *O amor que deveria ser leve* (2021).

² Transcrição da entrevista do filme *O amor que deveria ser leve* (2021).

³ Transcrição da entrevista do filme *O amor que deveria ser leve* (2021).

⁴ Transcrição da entrevista do filme *O amor que deveria ser leve* (2021).

Eu penso como eu quero criar dentro da minha futura casa um ambiente que meus filhos possam falar, possam ser ouvidos, em que eu possa falar com a minha companheira, que ela possa se sentir ouvida que a gente possa ser livre, é pelo menos no máximo que puder, em nós mesmos sabe, se sentir com vontade no lugar em que estamos sim que à vontade com as conversas que temos, fazermos coisas juntos de verdade, nada por obrigação, mas que sejam espontâneas, ter conversas espontâneas assim dentro de casa, é construir um diálogo de verdade.

A psicóloga Luciana Pires (2021)⁵ diz que “É necessário olhar para esses pais como duas pessoas humanas, que erram e precisam de ajustes. É necessário tirá-los desse pedestal de santidade, não são santos no sentido de intocáveis e incorrigíveis, que não erram. Os pais erram e nós precisamos olhar para isso”.

⁵ Transcrição da entrevista do filme *O amor que deveria ser leve* (2021).

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Juliana Pires Rio Branco

Considero esta a parte mais difícil de ser escrita neste trabalho de conclusão de curso, mas também a parte que mais me orgulha. A alegria de chegar até aqui é imensa e enquanto escrevo meus olhos lacrimejam, assim como nos últimos meses, em que me dediquei a concluir este projeto. O filme documentário O amor que deveria ser leve veio de forma inexplicável para meus braços, porque inicialmente a minha ideia era falar sobre fibromialgia e a luta diária dos pacientes que não possuem condições de realizarem tratamentos na rede particular de saúde. Este tema estava na minha mente desde uma das primeiras aulas de Produção e Redação Jornalística I, quando escrevi uma matéria sobre pacientes que possuem fibromialgia e contei à professora Silvana Monteiro que eu possuía a doença. Ela me disse que este tema deveria ser guardado para um possível TCC, assim continuei durante vários semestres com esta ideia firme em minha mente.

Quando iniciou o quinto período e conversei com a professora Eliani que gostaria que ela me orientasse, eu falei que este seria meu tema, momentos antes de escrever no documento que entregaria a ela falando meu tema, me veio na mente a briga que havia acontecido na minha casa um dia antes, o quanto meu rosto ainda estava inchado de tanto chorar e todos os anos que sofri por isto, também me dei conta do possível motivo que causou as minhas doenças de cunho emocional, este motivo era meu pai! Então, assim iniciou este tema que fui descobrindo em conversas com pessoas próximas, o quanto ele seria importante.

Quando iniciamos a matéria de TCC I, tudo estava indo muito bem, eu estava com todas as minhas energias focadas neste projeto, mas as coisas começaram a se complicar. Além das brigas e problemas constantes vividos na minha casa, sofri um assédio em meu trabalho, o que me desestabilizou por algumas semanas. Pouco tempo depois, iniciou-se a pandemia da COVID19, que nos fez parar com todos nossos planos, projetos e sonhos. Mas, achávamos que seria por pouco tempo, então continuei seguindo firme neste projeto.

Como eu não tinha mais a possibilidade de utilizar os computadores do Campus, também me atrasou alguns dias, eu utilizava o meu celular que até então não era bom e o computador do meu sogro emprestado. Quando estava quase concluído a parte do trabalho escrito, em conjunto com a orientadora Eliani, decidimos adiar as gravações do documentário por seis meses, iniciando então no começo de 2021, pois acreditávamos que já estaria tudo bem com o mundo.

Como todos sabemos, isso não aconteceu! O medo tomou conta de todo meu corpo em vários momentos, pois como tenho a saúde frágil e contato com pessoas idosas, tinha medo de sair de casa mesmo com todos os protocolos de segurança. Sendo assim, apenas a minha entrevista e a entrevista da M.O. foram feitas de modo presencial, pois ela é uma pessoa do meu convívio, então estaríamos seguras. No dia de realizar a entrevista da M.O. tivemos um imprevisto grave, a câmera que me foi emprestada não ligava de modo algum, ficamos quase duas horas tentando, como a gravação dela seria em modo contraluz, seria inviável fazer com o meu celular, então tivemos que adiar e mudar nossa locação. Essa entrevista me emocionou bastante, pois ela é uma pessoa próxima a mim, já vivenciei e vi diversos casos de violência psicológica da mãe com ela.

A entrevista com o Carlos foi gravada de forma remota (via aplicativo Zoom), também teve seus percalços, pois ele mora em uma casa relativamente pequena com os pais, como iríamos falar sobre a relação deles, ficaria inviável nossa ligação via Zoom ser ali. Ele prontamente se deslocou para uma praça próxima a casa dele, fizemos a ligação, mas houve algumas falhas por conta da internet, alguns carros passando, como ele estava em um ambiente com outras pessoas, teve que ficar de máscara para se proteger. Também ficávamos preocupados de algum assalto acontecer por ele estar em um local perigoso, então tentamos ser breves em nossa conversa.

Com a entrevistada Vitória, que também foi a distância (aplicativo zoom), houve diversas remarcações da data, pois como ela tem um filho pequeno, tínhamos que encaixar em horários que o namorado dela pudesse ficar com o bebê e ele dormindo, para não haver interrupções. Remarcamos em torno de cinco vezes, mas no fim deu certo a nossa entrevista, sendo uma das mais emocionantes, pois ela faz parte de toda a minha história e eu também faço parte da história dela. Nós fomos criadas como primas, sendo assim nos aproximamos, nos apoiamos e em uma etapa de nossa vida fomos morar juntas. Ela vivenciou diversas situações com meu pai, me dava colo e assim eu tentava fazer por ela.

A minha entrevista foi filmada também com a câmera, contando com a ajuda da Ludymila Samara, que ficou por conta da direção de câmera. Como é um assunto muito delicado, que me deixa muito abalada, sofri alguns dias antes com crises de ansiedade, de fibromialgia (que me paralisam de tanta dor) e crises de pânico por ter que falar deste assunto e do meu pai, mas eu precisava falar, era necessário que eu me abrisse para este projeto, que não é apenas um trabalho de conclusão de curso, mas uma esperança que quero dar para quem assistir, de que mesmo com um contexto familiar deturpado, nós vencemos e podemos mudar nosso destino!

Havia escolhido outra psicóloga para entrevistar, mas ela é bastante ocupada, então tivemos apenas vinte minutos bem corridos de um único dia que ela tinha disponibilidade para me ceder esta entrevista. Ela foi incrível, muito solícita, mas quando fui realizar o download de nossa entrevista que era via Skype, ela ficou com alguns bugs de sistema. Como era apenas aquele dia que ela tinha disponibilidade, ficou acertado com a Eliani, que iríamos resolver na edição.

Após todas as entrevistas concluídas, passei para a etapa de decupagem, várias horas dedicadas a este processo que é trabalhoso. Após a finalização da decupagem, fiquei um pouco mais tranquila, mas aconteceu mais alguns imprevistos. Tentaram entrar na minha casa duas vezes na mesma semana, em uma delas estava apenas minha irmã e eu, no momento que eu estava chamando a polícia, meu celular travou, desligou e assim perdi todas as conversas do meu *WhatsApp* e alguns documentos, entre eles cortes que eu já havia feito, decupagens das entrevistas, links que seriam utilizados no documentário. Nada disso foi recuperado nos *backups* e a minha saúde mental que já não estava boa, ficou ainda mais abalada.

Com todas as decupagens refeitas, iniciou-se o processo de criar o roteiro, durante este processo tive diversas crises de ansiedade também, por vários outros processos que estavam acontecendo em minha vida pessoal. Além, de estarmos vivendo em um contexto que podemos perder parentes e nossa própria vida para um vírus, perdi o meu emprego por conta do assédio sofrido, pois sempre a vítima é culpada na visão das outras pessoas, minhas avós adoeceram durante dois períodos, consegui outro emprego, mas logo perdi também, pois a pessoa que me contratou não estava conseguindo me pagar.

Meu irmão de consideração foi preso, nossa família ficou completamente abalada. Então, este processo foi mais lento do que eu havia programado, pois eu me sentava em frente ao computador e não conseguia me concentrar, pois estavam acontecendo diversas coisas ao meu redor. Com muito esforço e dedicação, já estava faltando um dia para o prazo final de enviar para edição, estava conseguindo finalizar o roteiro, quando perdi a entrevista com a psicóloga, de modo que não sei explicar, ela não estava mais no computador, tão pouco no drive.

Então, tive um momento de desespero, sem saber o que fazer, já era tarde da noite, então com a ajuda novamente da Ludymila, nós começamos a enviar várias mensagens para psicólogas, que pudessem nos ceder esta entrevista, como já era tarde, não obtivemos sucesso. Eis, que me lembrei que uma prima é uma psicóloga incrível e falei com ela, que prontamente me disse que me ajudaria, só que poderia apenas no outro dia à tarde. Fizemos a entrevista. Assim que terminamos fiz a decupagem e reiniciei o processo do roteiro. Foi uma longa noite

em claro para concluir esta etapa e às 05:48 da manhã conclui o roteiro e enviei para a orientadora Eliani avaliar. Com a ajuda do Francisco, passamos para a parte de montagem. Ele foi bastante solícito e sem ele este trabalho também não seria possível.

O momento de realizar o trabalho de conclusão de curso é emocionante, desgastante e cheguei em vários momentos a pensar em desistir, mas com o apoio de amigos muito especiais e a orientadora Eliani me mantive com o pensamento de que daria tudo certo no final e eu conseguiria concluir com muita perseverança, assim como tive durante todos os anos da minha vida. Ouvir cada entrevistado me contar suas histórias, entender que eu precisava falar sobre este assunto que é tão negligenciado, me deu forças para continuar e eu me sinto agradecida por fazer parte desta história e por ter aprendido tantas coisas durante todo este processo.

As escolhas de cada detalhe da identidade visual, foram pensadas para representar de forma simples e clara o que gostaria de mostrar no documentário. Optei inicialmente por ter cores claras, para deixar tudo mais leve, já que o tema escolhido já é algo forte e complicado. O verde e azul na simbologia das cores representam diversos significados que são importantes dentro de um contexto familiar. O azul transmite sensações de segurança e confiança, além disso representa segurança, verdade, serenidade, harmonia e sinceridade. O verde simboliza família, harmonia, saúde, paz, tranquilidade, segurança, serenidade, humor, divertimento, felicidade, vida, crescimento, amizade e equilíbrio.

O dente de leão foi escolhido porque em uma noite, em um sonho ele apareceu. Quando pesquisei sobre sua simbologia, foi descoberto que simboliza liberdade, otimismo, esperança e luz espiritual. Os Losangos foram escolhidos para representarem os familiares tóxicos, que em grande maioria bloqueiam a liberdade e crescimento de suas vítimas e no meio o dente de leão está liberando suas plumas que vão se transformando em pássaros, representa a libertação das amarras com aquilo que o entristece, então as plumas do dente de leão se transformando em pássaros, são como os filhos se libertando de ambientes tóxicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme documentário O amor que deveria ser leve trouxe uma perspectiva diferente sobre o contexto familiar, em que não se deve ter violência física ou psicológica, mas que devem ser construídos laços verdadeiros de amor, respeito, compreensão e trazem esperança às novas famílias que irão surgir.

O objetivo do filme foi o de mostrar como as pessoas podem ser traumatizadas com ações tóxicas por seus familiares, o quanto pode deixar alguém abalado por toda uma vida e mostrar para quem passa por tais situações que este alguém não está sozinho, que ele não é alguém ruim por querer se distanciar de quem lhe faz mal, que está tudo bem querer ser feliz em um ambiente de paz.

Considera-se que tal objetivo foi alcançado com a realização do filme documentário e que este projeto possa inspirar outras pessoas a estudarem e debaterem sobre este tema tão presente nas vidas de todos. Que possam entender que família é um lugar de paz, amor, confiança e que esta família possa ser de qualquer modo, seja ela com um pai e uma mãe, dois pais, duas mães, uma tia, uma avó, amigos, seja como for, a família tem de ser um amor leve.

REFERÊNCIAS

- ALTAFINI, Thiago. *Cinema documentário brasileiro: Evolução Histórica da Linguagem*. 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2020.
- ANTONI, Clarissa De. BARONE, Luciana Rodriguez. KOLLER, Sílvia Helena. *Indicadores de Risco e de Proteção em Famílias Fisicamente Abusivas*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 23, n. 2, p. 125-132, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n2/a02v23n2.pdf>>. Acesso em: 22 maio. 2020.
- BERTHONE, Rodrigo. BENTO, Renata. *Psicanalista explica como identificar relacionamentos tóxicos e o que fazer para sair deles*. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/psicanalista-explica-como-identificar-relacionamentos-toxicos-o-que-fazer-para-sair-deles-22809050>>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em 13 jun. 2020.
- BRASIL. Lei nº 12.318, de 26 de agosto de 2010. *Dispõe sobre a alienação parental e altera o art. 236 da Lei nº8069, de 13 de julho de 1990*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112318.htm> Acesso em 14 jun..2020.
- CHAN, Ana Julia; MONTEIRO, Ana Luisa; MOREIRA, Carolina; SOUZA, Matheus. *Relacionamento abusivo entre familiares cria complicações para toda a vida*. 2019. Disponível em: <<http://universo.ufes.br/blog/2019/11/relacionamento-abusivo-entre-familiares-cria-com-plicacoes-para-toda-a-vida/>> Acesso em 10 jun. 2020.
- CARVALHO, Wendell. *Como superar os traumas de relacionamentos abusivos?* 2020. Disponível em: <<https://wendellcarvalho.com.br/como-superar-traumas-de-relacionamentos/>> Acesso em 11 jun. 2020.
- DA-RIN, Silvio. *Espelho partido: tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.
- DEAN, Michelle. *Ela teria sido uma mãe perfeita para alguém que estivesse realmente doente*. 2016. Disponível em: <<https://www.buzzfeed.com/br/michelledean/dee-dee-e-gypsy>> Acesso em 15 jun. 2020.
- DELL'ISOLA, Alberto. *Como um terapeuta pode identificar um relacionamento tóxico*. 2019. Disponível em: <<https://albertodellisola.com.br/relacionamento-toxico>>; Acesso em 20 maio 2020.
- DELL'ISOLA, Alberto. *Mães narcisistas: como vencer traumas e conquistar autoconfiança*. 2019. Disponível em: <<https://albertodellisola.com.br/maes-narcisistas/#:~:text=A%20ideia%20de%20que%20o,ter%20reflexo%20na%20vida%20adulta.>> Acesso em 20 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GOMIDE, Paula. *Inventário de Estilos Parentais*. Modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Vozes, 2006.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. *Panorama do documentário no Brasil*. Doc. On-line, n. 1, dezembro, 2006.

LEMONS, Carla Egídio. *Relacionamento Abusivo*. 2016. Disponível em: <<http://carlaegidio.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Relacionamento-Abusivo.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2020.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Claudia. Aspectos do documentário brasileiro contemporâneo. In: BAPTISTA, Marco e MASCARELLO, Fernando (orgs.). *Cinema Mundial Contemporâneo*. Campinas, SP: Papirus Editora, 2008.

LUCENA, Luiz Carlos. *Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção*. São Paulo: Summus, 2012.

MAGALHÃES, Júlia Renata Fernandes de. et al. *Expressão da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes*. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n4/0104-0707-tce-26-04-e1730016.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Navarro de; *Alienação parental e família contemporânea: Um estudo Psicossocial*. 2015. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/alienacao_parental/alienacao_parental_e_familia_contemporanea_vol2.pdf> Acesso em: 07 maio 2020.

POLLO Luiza. *Relacionamento abusivo não acontece apenas entre casais; saiba identificar*. 2017. Disponível em: <<https://emails.estada.com.br/noticias/comportamento,relacionamento-abusivo-nao-acontece-apenas-entre-casais-saiba-identificar,70001720538>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Senac, 2008.

REDAÇÃO DO SITE ADOROCINEMA. *Cassia Eller*. 2015. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-230015/>>. Acesso em: 08 maio 2020.

REDAÇÃO DO SITE BBC. *Os pais que submetiam filhos a pegadinhas no YouTube - e perderam a guarda de 2 deles*. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39790875>>; Acesso em 20 maio 2020.

REDAÇÃO DO SITE INCRÍVEL CLUB. *10 Atitudes de pais tóxicos que arruinam, sem notar, a vida dos filhos*. 2019. Disponível em: <<https://incrivel.club/inspiracao-psicologia/10-atitudes-de-pais-toxicos-que-arruinam-sem-notar-a-vida-dos-filhos-499710/>>. Acesso em 10 jun. 2020.

REDAÇÃO DO SITE SEMPRE FAMILIA. *O que acontece no cérebro do seu filho quando você grita com ele*. 2018. Disponível em: <<https://www.semprefamilia.com.br/educacao-dos-filhos/o-que-acontece-no-cerebro-do-seu-filho-quando-voce-grita-com-ele/>>; Acesso em 20 maio 2020.

REDAÇÃO RÁDIO BRASIL ATUAL. *Em vez de 'Democracia em Vertigem', Oscar de melhor documentário vai para 'Indústria Americana'*. 2020. Disponível em: <<https://www.redbrasilatual.com.br/cultura/2020/02/em-vez-de-democracia-em-vertigem-oscar-de-melhor-documentario-vai-para-industria-americana/>>. Acesso em: 07 maio 2020.

SAMPAIO, Izabela Tissot Antunes. *Inventário de Estilos Parentais (IEP): um novo instrumento para avaliar as relações entre pais e filhos*. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusf/v12n1/v12n1a15.pdf>>; Acesso em: 26 maio 2020.

SOUSA, Ana Graziella. *Relacionamento abusivo familiar: atenção, a abusividade pode vir de pais ou responsáveis*. 2020. Disponível em: <<https://anagrazieillisouza.com.br/relacionamento-abusivo-familiar-atencao-a-abusividade-pode-ir-de-pais-ou-responsaveis/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. *Documentário no Brasil: tradição e transformação*. São Paulo: Summus, 2004.

TRINDADE, Jorge. *Manual de psicologia jurídica para operadores do direito*. 2007. Disponível em: <[file:///C:/Users/Pedro/Downloads/Manual%20de%20Psicologia%20Juridica%20E2%80%94%20Jorge%20Trindade%20\(Completo\)%20pdf..pdf](file:///C:/Users/Pedro/Downloads/Manual%20de%20Psicologia%20Juridica%20E2%80%94%20Jorge%20Trindade%20(Completo)%20pdf..pdf)> Acesso em 09 jun. 2020.

ZADONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria. Cristina. Jesus. *O vídeo documentário como instrumento de mobilização social*. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zadonadevanessa-video-documentario.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2020.

APÊNDICES
APÊNDICE I – ROTEIRO

Imagens	Áudio
Cena 01- Vídeo de abertura 00:00 até 00:32	Família vai além de laços sanguíneos, é a composição do amor. Um lar saudável necessita de respeito, confiança e espaço ao outro. É uma via de mão dupla. Os pais precisam compreender os filhos, assim como os filhos precisam respeitar seus pais. Se a relação familiar não for saudável pode gerar consequências para sempre e, o amor que era para ser leve se torna tóxico...
Cena 02- Nome do Filme 00:33 a 00:43	Tate McRae - Dear Parents
Cena 03 - Juliana - Fala 00:44 a 01:02	Quando eu era criança, bem pequenininha, até mais ou menos os meus 8 anos, eu tinha meu pai como meu herói. Eu não enxergava, até mesmo porque eu era criança. Eu não tinha uma visão de quem ele era. Que ele tinha algumas atitudes que não eram bacanas como um pai.
Cena 04 –Vitoria – Fala 01:03 a 01:33	Eu acho que o pior de tudo foi assim, relacionamento conturbado. Eu era uma criança, eu não tinha quem me defendesse. Meu pai não enxergava as coisas que acontecia, eu acho que a minha mãe sempre foi muito omissa né. Então, isso acarretou muitas coisas.

<p>Cena 05 – Luciana – Fala 01:34 a 02:20</p>	<p>Bom, a formação da nossa personalidade ela é constituída enquanto nós somos crianças. E como crianças a nossa primeira instituição social da qual a gente se relaciona são os nossos pais. Os nossos pais querendo ou não eles carregam expectativas, daquilo que desejam que a gente queira ser, dos sonhos dos projetos que eles tinham às vezes para eles e não conseguiram realizar e acabam projetando isso nos filhos. Quando que essa projeção, essa correção esses ensinamentos são normais? São funcionais vamos dizer assim. Quando os pais conseguem respeitar a individualidade desse filho. Eles corrigem, eles ensinam, porém eles também escutam, eles também dão valor a essa personalidade que está se formando né.</p>
<p>Cena 06 – M.O – Fala 02:21 a 03:01</p>	<p>Desses relacionamentos abusivos familiares com certeza com minha mãe e com meu pai. Meu pai é omisso! A minha mãe faz as coisas, e eu acho que ela tem um poder de persuasão em cima dele muito grande. E ele entra na dela, e meu pai é uma pessoa que odeia se sentir pressionado e ele é a pessoa que mais pressiona. Então ele acaba indo na onda da minha mãe. Minha mãe é uma pessoa extremamente manipuladora, ela fala o que ela pensa, culpa a sinceridade não está nem aí se ela te machuca, se ela não te machuca é muito raro ouvir minha mãe pedir desculpa. Ela sempre usa do argumento “você sabe que eu estou certa, por isso você está brigando você sabe que eu estou certa por isso que você está respondendo”.</p>
<p>Cena 07 – Carlos – Fala 03:02 a 03:56</p>	<p>Meu pai ele sempre teve uma ideia de orgulho né, por eu ser o filho primogênito. Ele sempre falou que ele sempre quis ter um filho né. E então ele tinha muito essa ideia de orgulho ele falava muito sobre gostar sobre como ele me amava, então ele em parte, ele sempre foi carinhoso... Comigo, só que é toda aquela outra parte assim, era dar carinho, mas sem nada além disso, sabe. Todas aquelas coisas que você espera de um pai te apoiar conversar com você sobre seus problemas, nunca me abriu de verdade com meu pai, acho que eu posso falar Sem sombra de dúvida que meu pai não sabe a pessoa que eu sou. Ele não me conhece de verdade entendeu. Eu sempre escutei muito dele, a gente sempre falou sobre amenidades, mas, sobre quem eu sou aquela proximidade por exemplo que eu tenho com a minha mãe, é eu não tive com ele.</p>

<p>Cena 08 – Carlos – Fala 03:57 a 04:18</p>	<p>Comigo ele já foi agressivo em momentos, ele foi ruim para mim um momento assim mais específicos, porque ele tinha relativamente uma relação boa comigo, mas dá para lembrar de situações também que foram bem ruins.</p>
<p>Cena 09 – Luciana – Fala 04:19 a 05:30</p>	<p>Primeiro ponto para se identificar se você está vivendo um relacionamento tóxico ou não, é você entrar em contato com o sentimento que você tem quando você está em relação com aquela pessoa né. Então seja com um pai, uma mãe, um irmão, um tio, um avô ou uma avó, você precisa entrar em contato com o seu sentimento e identificar o seguinte: me faz bem-estar perto dessa pessoa? Eu me sinto à vontade? eu sinto que eu posso ser eu mesma? Sem tentar fraudar a minha identidade a minha personalidade? sem tentar ser algo que eu não sou. Eu sinto que essa pessoa suga a minha energia? Ela me drena quando eu estou perto dela? “Como eu me sinto?” acho que essa é a principal questão “Como eu me sinto diante desse outro que está comigo?” Se liga um sinalzinho de alerta de que há algum incômodo é preciso realmente que a gente olhe para isso e destrinche melhor essa relação para entender: a que ponto isso se torna tóxico e a que ponto não</p>
<p>Cena 10 – Vitória – Fala 05:31 a 07:53</p>	<p>Ele casou eu tinha 3 anos, ela tinha uma filha da mesma idade. Que o meu pai também adotou como filha, ele criou a filha dela. E eu não sei o que aconteceu, eu não sei se ela tinha algum ciúme, ou medo. De talvez eu ocupar um espaço que é meu. E ai, com isso ela tinha atitudes muito... Eu nem sei explicar hoje, que se passava na cabeça dela. Só que o meu pai sempre foi muito cego né? E eu sempre tive muito medo, então eu nunca contei, eu ia para a casa dele. Meu pai é policial militar, fazia plantões. Eu acho que no começo ele esforçava para que eu fizesse parte da família dele. E também eu acho que ele cobrava um pouco disso para a mulher dele, “eu faço pela sua filha. E a gente tem que fazer pela minha também”. Só que eu lembro que esses plantões dele, eu acho que era a parte mais torturante né porque ela me batia, ou ela falava coisas que eu como criança não entendia. Tipo “aah, seu pai nunca amou sua mãe”, Você não vai ser nada você não vai ser ninguém”, isso eu com</p>

	<p>7 a 8 anos.</p> <p>E ela me sentava, ela me colocava sentada na mesa. E eu ficava lá 3, 4 horas e ela fazia perguntas. Sobre minha mãe, sobre o que aconteceu na minha casa, que ela queria saber as coisas, só que posso se eu nem sabia responder.</p> <p>Eu não entendia o que acontecia, aí como eu não sabia a resposta eu ficava lá 4, 3, 5 horas. E na frente do meu pai era totalmente outra coisa.</p> <p>E assim eu acho que a principal culpa é do meu pai porque ele que é meu pai né, não, não tem nenhum vínculo comigo. Todas as vezes que a minha avó ou outra pessoa tentou me proteger, ele não aceitou, por que ele nunca aceitou que ela era essa pessoa má, entendeu?</p>
<p>Cena 11- Vitória - Choro 07:54 a 08:01</p>	<p>Sem fala.**</p>
<p>Cena 12 – Juliana – Fala 08:02 a 08:28</p>	<p>Então, quando ele se separou da minha mãe é, que ele meio que me abandonou, ele estava com outra pessoa. E ele me abandonou. A minha irmã era muito novinha, então a irmã era uma neném e ela não tem essa lembrança, mas eu tenho muito forte essa lembrança de que quando ele se mudou da casa da minha mãe, eu batia na porta da casa dele e ele fingia que não estava. Eu tentava encontrar com ele e ele fingia que eu não estava ali.</p>
<p>Cena 13 – Juliana – Fala 08:29 a 09:28</p>	<p>Então, ele é essa pessoa que que traz muito isso presente para mim. E nessa época comecei a perceber, comecei a analisar mesmo criança então ali a minha infância praticamente acabou a partir daquele momento da separação dos meus pais e depois que eles voltaram. Eu... Minha chavinha mudou totalmente e eu era uma criança com a cabeça muito adulta, então eu já comecei a planejar eu escrevia cadernos eu me programava. Para que assim que eu tivesse dinheiro conseguisse trabalhar eu saísse daquela vida, então a partir daquele momento eu não tive mais infância eu comecei a perceber as ações que ele fazia comigo, então que ele me pressionava muito que ele me culpava muito, que ele é causava uma violência psicológica muito grande em mim.</p>

Cena 14 – M.O - Fala 09:29 a 09:53	Ela sempre foi muito protetora. Muito! Quando eu estava no ensino médio ela ligava diversas vezes no meu celular ou na escola para saber se eu estava ali. Quando eu dei meu primeiro beijo ela ficou semanas sem falar comigo. Porque que ela não aceitava o que estava acontecendo, é eu acho que um pouco da religião também, nós somos evangélicos e isso deixou ela muito fanática, muito alucinada mesmo, alienada.
Cena 15 – M.O Fala 09:54 a 10:16	Mas eu não lembro de pequena sofrendo isso eu criança com 4, 5 anos. Não! eu acho que foi um pouco mais velha. Teve uma fase da nossa vida que quando a gente voltou do Sul, que a gente morou em casas separadas, eu e minha mãe moramos com minha avó e meu pai morou com a minha outra avó. Eles não se separaram, mas a gente não tinha dinheiro para alugar um lugar para morar.
Cena 16 – M.O- Fala 10:17 a 10:41	E foi uma época que eu senti que eu fui mãe da minha mãe. Enquanto eu estava desenvolvendo, enquanto eu tinha problemas na escola, enquanto eu precisava crescer. Eu tinha que cuidar dela em vez de ela cuidar de mim e aí quando ela percebeu isso ela começou a me sufocar.
Cena 17 – Carlos – Fala 10:42 a 11:10	Meu pai ele tinha uma ideia de como que um homem devia ser e eu ia contra todos esses padrões, porque justamente por ver nele essa relação ruim com a minha mãe eu tentava ser diferente. E em ser diferente ou eu lembro de situações assim. Em que ele falar ele chegou me expulsar de casa um momento que ele estava bêbado, porque ele falava que eu era gay e eu tinha que agir como homem e eu não estava sendo.
Cena 18 –Juliana – Fala 11:11 a 11:43	E quando eu era criança apanhei demais assim, o meu pai ele me batia por qualquer coisa praticamente e ele me batia muito, eu sempre ficava muito machucada. E aí depois ele vinha e pedia desculpas ou ele chegava na minha mãe e falava para minha mãe me pedir desculpas, perguntar se estava tudo bem comigo e ele ficava uma semana super maravilhoso, sempre trazendo chocolate, trazendo sorvete, alguma coisa aqui como se fosse recompensar aquilo que ele fazia comigo.

<p>Cena 19 –M.O– Fala 11:44 a 12:30</p>	<p>Eu acho que a minha mãe é uma pessoa muito ciumenta, ela não assume que ela é, mas eu tenho um pela total certeza. Ela tem ciúmes da minha sogra, ela tem ciúmes do meu namorado, ela tem ciúmes de tudo que me faça sair de dentro do casulo dela. Eu acho que ela queria que eu fosse um cachorro, que ia viver sobre os comandos dela e não eu não sou assim. Ela se incomoda quando eu não uso uma roupa que ela gosta, todo dia ela fala para mim você precisa cortar seu cabelo, seu cabelo está sem corte, se eu fosse você eu fazia uma franja.</p>
<p>Cena 20 –M.O– Fala 12:31 a 12:57</p>	<p>08:01 a 08:10 A gente fazia academia juntas e aí por diversas vezes ela parava os professores da academia e falava “a gente parece irmã né? Eu não sou mais bonita que ela? Meu corpo está bem melhor do que o dela não está? E olha minha idade, eu tenho 60 e poucos anos e ela tem 20 e poucos.</p>
<p>Cena 21 – Vitoria – Fala 12:58 a 15:08</p>	<p>Na minha visão a mãe (hoje eu sou mãe eu quero fazer isso com meu filho), a mãe, ela tem que te proteger. Eu acho que ela é seu elo principal, que ela tem que estar ali por você. E a minha mãe não era essa pessoa. Eu não sei se ela tinha algo que veio da vida dela também, ela tinha muito medo do meu pai. Então, inclusive essa semana a gente, eu e ela a gente estava conversando, ela comentando sobre aquele menininho que morreu esses dias, com o que estava com o padrasto e a mãe. E aí a gente conversando. Conversando sobre como ele tentou avisar né? Que ele chorava muito, ele não queria ir e aí o que eu ouvi da minha mãe foi “nossa toda vez que seu pai ia te buscar você fazia isso, você falava que não queria e você chorava e pedia para ficar em casa”. E aí, foi uma omissão dela, graças a Deus nunca aconteceu algo mais grave comigo, mas poderia entender. Então, ela sempre se omitiu muito nisso. Ela nunca desafeto. Vamos ver se ela nunca encarou meu pai. Nunca encarou minha madrasta. Ela sempre ficou ali, num campo de observação, e tudo bem entendeu, ela deixava eu ir. É já teve vezes que eu... História que ela conta, eu com uns 5 anos de idade de chegar aqui de viagem com meu pai e começar desesperadamente chorar na casa dele, pedindo “me leva embora para minha mãe”. E ele assim meia noite pegar o carro e me levar para</p>

	<p>casa. E eu não falava porque, ele perguntava, “tenta descobrir com ela o que que aconteceu”. E minha mãe nunca ter feito nada sabe. Como que eu sou a filha chega meia-noite em casa, desesperada, chorando, pedindo para ir embora você não se preocupa entendeu? Eu acho que muito do que eu vivi poderia ter sido evitado por ela.</p>
<p>Cena 22 – Luciana – Fala Luciana 15:09 a 15:25</p>	<p>Bom, o primeiro ponto que a gente precisa olhar é que nós temos uma tendência a ficar com o que é ruim, parece que o que é ruim nos preocupa mais, nos alerta mais, nos marca mais, do que aquilo que é bom isso é uma tendência humana.</p> <p>Então o trauma quando ele vem, ele marca tanto, ele traz tanta carga emocional ruim que ele sobressai as lembranças boas. Isso acontece realmente muito em pessoas que vivem situações traumáticas na infância. Ficam com aquilo que é ruim!</p> <p>Por quê? Porque marcou mais, porque doeu demais, porque é uma ferida que carrega até hoje e é uma ferida que fica latente, então não é algo que simplesmente, “ai eu vivi hoje eu tenho 30 anos de idade, eu vivi isso da minha infância, eu consigo lembrar só das coisas ruins lembro muito pouco de emoções positivas”.</p> <p>“E hoje eu tenho 30 anos, então já era para isso ter melhorado eu sou um adulto.” mas não melhora, porque se uma ferida não está não tratada, ela continua ainda sangrando, ela continua ainda manifestando sintomas na vida dessa pessoa.</p>
<p>Cena 23 – Juliana – Fala 15:26 a 15:47</p>	<p>A minha infância ela teve situações muito marcantes para mim relacionadas aos meus pais. As maiores lembranças assim que eu tenho são mesmo de sentir muito medo, de me sentir sempre muito apreensiva, de me sentir sem ar praticamente.</p>
<p>Cena 24 –Juliana– Fala 15:48 a 16:12</p>	<p>Como meu pai é alcólatra, então desde criança eu tinha muito medo de quando a gente entrava no carro e ele estava bêbado. Eu tinha medo da gente sofrer um acidente, a gente passava sempre por uma ponte e eu tinha muito medo de que o carro caísse nessa ponte. Quando era criança essa é uma memória assim muito presente para mim e que eu tenho medo até hoje disso, que eu tenho muito medo de andar de carro porque me vem essas lembranças.</p>

<p>Cena 25 –Juliana– Fala 16:12 a 16:29</p>	<p>E como eu sempre fui uma pessoa das artes, sempre fiz teatro e “n” outras coisas, ele já chegou a ir em uma apresentação minha nessa época. Aí saiu de lá colocou outra pessoa no lugar dele, pedindo pra um amigo dele ir me assistir, porque ele encontrar a pessoa que ele estava.</p>
<p>Cena 26 –Vitoria – Fala 16:30 a 16:45</p>	<p>Engraçado né que a nossa acho que a nossa mente tenta apagar as coisas, que eu não tenho muita memória da minha infância. E quando eu lembro, são essas coisas ruins.</p>
<p>Cena 27 –Carlos– Fala 16:46 a 17:26</p>	<p>Por conta do problema de alcoolismo dele também, ele discutir às vezes com a pessoa com que ele estava no momento no caso a mulher que ele separou da minha mãe para ficar com ela. Acontecia de eles brigarem lá na casa dele, lá onde ele estava, ele aparecer na casa da minha mãe, bêbado, e assim, isso era comum, é uma coisa que para mim já era quase como semanal, então quando eu olho para mim a lembrança, é eu acho que muito disso que aconteceu, acabou turvando um pouco as outras memórias boas.</p>
<p>Cena 28 –Luciana – Fala 17:27 a 18:18</p>	<p>O tratamento psicológico traz muito essa dinâmica familiar né, então quando você atende alguém que passe por essas relações abusivas, principalmente no âmbito familiar, é necessário trazer essa família para o consultório e dizer: pais queridos por mais que vocês estejam tentando fazer o melhor a gente precisa ajustar algumas coisas. Algumas coisas precisam ser mudadas, você entende mãezinha o que você está fazendo com o seu filho? Você entende pai o que você está fazendo? Você entende qual é o comportamento que está por trás disso? Então uma coisa que a gente precisa entender pais são tóxicos precisam de ajuda e precisam de ajuda urgentemente.</p>

<p>Cena 29 –M.O. – Fala 18:19 a 19:19</p>	<p>Pela minha criação, minha mãe nunca foi minha melhor amiga, nunca consegui conversar com a minha mãe, porque tudo que eu falava era criticada, tudo que eu falava era comparada a alguém. Por mais que ela constantemente me elogie, constantemente ela fala que ela me ama, parece que ela faz isso para poder suprir a outra situação. Então tipo, eu te comparo, mas depois eu falo que eu te amo. Então às vezes eu sinto muito amor. Se eu pensar em perder minha mãe isso me dói muito, mas eu sinto muitas falhas, mas eu já entendi que ela só me dá aquilo que ela recebeu, ela não pode me dar o que eu espero dela. Porque ela teve muito problema com a minha avó também. Ela não teve uma relação de carinho de afeto com minha avó, ela foi ter isso quando ela já estava perto do leito de morte. Mas eu sou uma pessoa muito carinhosa, sou uma pessoa muito afetuosa. Eu sinto falta não é do carinho físico. Carinho físico minha mãe sempre me deu, ela sempre me deu beijo, sempre me deu abraço. Eu sinto falta é de uma relação normal, mas é uma relação segura, sólida.</p>
<p>Cena 30 –Luciana– Fala 19:20 a 19:41</p>	<p>Em relação aos traumas são vários. Cada pessoa vai trazer essa carga emocional de uma forma justamente porque cada ser é único e singular. Então essa pessoa vai captar isso de uma forma para ela e isso vai reverberar e ser projetado de formas diferentes também para o mundo.</p>
<p>Cena 31 –Vitoria– Fala 19:42 a 20:01</p>	<p>00:07:18 até 07:37 Por muito tempo, hoje eu acho que eu melhorei um pouco que isso, mas por muito tempo eu aceitei o mínimo das pessoas. O que a pessoa queria me oferecer... Principalmente, eu acho que o que mais afetou foi nos meus relacionamentos amorosos, eu sempre aceito é o mínimo disso.</p>
<p>Cena 32 –Vitoria– Fala 20:02 a 20:19</p>	<p>E como eu sempre tive muito medo dela e dele. Principalmente na infância guardei tudo para mim. Isso me fez muito mal, me acarretou por exemplo na crise de ansiedade. E, talvez na auto estima baixa.</p>

<p>Cena 33 –Juliana– Fala 20:20 a 20:33</p>	<p>Eu tenho uma necessidade de aprovação muito grande. Eu tenho muito medo de confiar nas pessoas, eu tenho muito medo das minhas amizades me abandonarem. Então tem muitos traumas que mexem comigo dessa época.</p>
<p>Cena 34 -Luciana– Fala 20:34 a 21:35</p>	<p>Quando esses filhos de pais tóxicos se tornam pais se não houver essa a distinção, se não houver esse tratamento, se não houver esse olhar para essa evidência, muito provavelmente ele vai repetir os mesmos comportamentos, e não por maldade, não por vingança, mas porque é aquilo que faz parte do repertório de relações que ele conhece. Então, querendo ou não por mais que ele saiba que machucou por mais que ele saiba que doeu, isso se torna um comportamento automático e ele vai projetar isso nas demais relações e aí não só de repente com os filhos, mas uma relação com o trabalho, num relacionamento que essa pessoa vai entrar muito provavelmente, ela vai procurar pessoas que também são tóxicas ou abusadoras para poderem se relacionar com ela e aí a vida se torna um ciclo. E esse ciclo se repete e repete, se repete, até que essa pessoa olha e fala espera aí está acontecendo alguma coisa de errado comigo.</p>
<p>Cena 35 -Carlos– Fala 21:36 a 22:19</p>	<p>Eu penso como eu quero criar dentro da minha futura casa um ambiente que meus filhos possam falar, possam ser ouvidos, em que eu possa falar com a minha companheira, que ela possa se sentir ouvida que a gente possa ser livre, é pelo menos no máximo que puder, em nós mesmos sabe, se sentir com vontade no lugar em que estamos sim que à vontade com as conversas que temos, fazermos coisas juntos de verdade, nada por obrigação, mas que sejam espontâneas, ter conversas espontâneas assim dentro de casa, é construir um diálogo de verdade.</p>
<p>Cena 36 -Vitoria– Fala 22:20 a 22:44</p>	<p>Eu acho que o principal que eu não tive, é o diálogo. Eu acho que é superimportante o pai, uma mãe ter um diálogo com seu filho. Ter essa liberdade de conversar e ser amigo sabe? Eu acho que o meu filho tem que ter liberdade de falar o que quiser comigo e eu tenho obrigação de acreditar nele sempre, entendeu.</p>

<p>Cena 37 - Luciana- Fala 22:45 a 23:42</p>	<p>Não só pela Constituição social e tudo que as pessoas entendem, em relação aos pais, mas também até de algo religioso né, bíblico parece que existe um limite de que os pais nunca podem ser corrigidos, de que os pais nunca podem ser confrontados, mas os pais eles são pessoas como nós. Que trazemos cargas emocionais, mochilas emocionais também de tudo o que viveram e que estão ali buscando se relacionar. É necessário olhar para esses pais como 2 pessoas humanas, que erram e precisam de ajustes. É necessário tirá-los desse pedestal de santidade, não são Santos no sentido de intocáveis e incorrigíveis, que não erram. Os pais erram e nós precisamos olhar para isso.</p>
<p>Cena 38 - Luciana- Fala 23:42 a 24:36 a</p>	<p>Então você começa a estabelecer o que que eu quero e o que que eu não quero para minha vida? O que que é meu e o que que são dos meus pais. Quais são os meus sonhos, quais são os sonhos deles para mim. O que que eu quero carregar, o que que eu não quero carregar. Para mim esse é um movimento mais saudável que essa pessoa pode fazer por si mesmo. E não carregar essa culpa de “ai nossa eu estou decepcionando eles, eu não estou cumprindo com o que eles esperaram para mim, poxa são meus pais eu estou traindo eles, eu estou sendo muito grosso, eu estou abandonando”. Não! Você está simplesmente cuidando de você e da sua saúde, porque se seus pais não são capazes de fazer, isso seja pelo motivo que for, alguém precisa fazer. Que esse alguém seja você mesmo, porque tem algo que se chama autorresponsabilidade e ninguém pode fazer por você.</p>
<p>Cena 39 - Paulo Gustavo- Fala 24:37 a 24:43</p>	<p>Sua família pode ser dois pais, pode ser duas mães, pode ser um pai e um avó, pode ser um tio e uma tia. Não existe isso, existe amor!</p>

Cena 40 - créditos finais e
música de encerramento.
24:44 a 24:55.

Trilha sonora de encerramento mais créditos. Tate
McRae - Dear Parents

APÊNDICE II

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Eu, Maria Vitória Pinango Silva, autorizo a acadêmica de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Juliana Pires Rio Branco, a utilizar, sem ônus, a minha imagem física, som de minha voz e palavras gravadas para a criação de um produto audiovisual, no formato (documentário), que tem como objetivo falar sobre relacionamentos tóxicos e abusivos no contexto familiar. Autorizo também a utilização de qualquer trecho de minha entrevista no mesmo produto, ficando, desde já, autorizada a incluir minha declaração em quaisquer transmissões, retransmissões, exibições e reexibições, por prazo indeterminado e por um número ilimitado de vezes, no Brasil e no exterior, objetivando sua exibição em canais de TV, na internet e quaisquer outros meios de exibição, bem como sua fixação em suporte DVD ou outro tipo de suporte existente ou que venha a existir no futuro. Firmo o presente contrato para os fins de autorização dispostos no Código Civil Brasileiro, na Lei de Direitos Autorais e Acordos e Convenções Internacionais dos quais o Brasil é signatário.

O trabalho realizado pelos acadêmicos citados neste termo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No entanto, o produto criado poderá ser transmitido, retransmitido, exibido e reexibido, bem como poderá ser inscrito em concursos, mostras, prêmios e/ou outras atividades do gênero, sem qualquer ônus cobrado por minha parte.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Nome por extenso:
Maria Vitória Pinango Silva

Título (ou profissão) para crédito:
Estudante

Endereço:
Av. Universitária Apt. 205 Bloco J
Residencial Yes Park

Telefone: (62) 99389-2124

Identidade: 6472374 Órgão: SSP

CPF: 052.145.981-81

Rio Verde, 31 de maio de 2021.

Assinatura: Maria V. Silva

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Eu, Luciana Pires do Prado Borges, autorizo a acadêmica de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Juliana Pires Rio Branco, a utilizar, sem ônus, a minha imagem física, som de minha voz e palavras gravadas para a criação de um produto audiovisual, no formato (documentário), que tem como objetivo falar sobre relacionamentos tóxicos e abusivos no contexto familiar. Autorizo também a

utilização de qualquer trecho de minha entrevista no mesmo produto, ficando, desde já, autorizada a incluir minha declaração em quaisquer transmissões, retransmissões, exibições e reexibições, por prazo indeterminado e por um número ilimitado de vezes, no Brasil e no exterior, objetivando sua exibição em canais de TV, na internet e quaisquer outros meios de exibição, bem como sua fixação em suporte DVD ou outro tipo de suporte existente ou que venha a existir no futuro. Firmo o presente contrato para os fins de autorização dispostos no Código Civil Brasileiro, na Lei de Direitos Autorais e Acordos e Convenções Internacionais dos quais o Brasil é signatário.

O trabalho realizado pelos acadêmicos citados neste termo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No entanto, o produto criado poderá ser transmitido, retransmitido, exibido e reexibido, bem como poderá ser inscrito em concursos, mostras, prêmios e/ou outras atividades do gênero, sem qualquer ônus cobrado por minha parte.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Nome por extenso:

Luciana Pires do Prado Borges

Título (ou profissão) para crédito: Psicóloga

Endereço:

Rua Indiana, quadra 213 lote 30 Jardim Novo Mundo

Telefone: 62 99224-7708

Identidade: 5762601 Órgão: sspgo

CPF 035.523.421-17

Goiânia, 01 de junho de 2021.



Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Eu, Carlos Alberto Silva Batista Junior, autorizo a acadêmica de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Juliana Pires Rio Branco, a utilizar, sem ônus, a minha imagem física, som de minha voz e palavras gravadas para a criação de um produto audiovisual, no formato (documentário), que tem como objetivo falar sobre relacionamentos tóxicos e abusivos no contexto familiar. Autorizo também a utilização de qualquer trecho de minha entrevista no mesmo produto, ficando, desde já, autorizada a incluir minha declaração em quaisquer transmissões, retransmissões, exibições e reexibições, por prazo indeterminado e por um número ilimitado de vezes, no Brasil e no exterior, objetivando sua exibição em canais de TV, na internet e quaisquer outros meios de exibição, bem como sua fixação em suporte DVD ou outro tipo de suporte existente ou que venha a existir no futuro. Firmo o presente contrato para os fins de autorização dispostos no Código Civil Brasileiro, na Lei de Direitos Autorais e Acordos e Convenções Internacionais dos quais o Brasil é signatário. O trabalho realizado pelos acadêmicos citados neste termo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No entanto, o produto criado poderá ser transmitido, retransmitido, exibido e reexibido, bem como poderá ser inscrito em concursos, mostras, prêmios e/ou outras atividades do gênero, sem qualquer ônus cobrado por minha parte.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Nome por extenso:

Carlos Alberto Silva Batista Junior

Título (ou profissão) para crédito:

Técnico de Laboratório

Endereço:

Rua Illinois Qd, 179 Lt 13 Casa 4, Jardim Novo Mundo, Goiânia-GO

Telefone: (62) 99523-6174

Identidade: 5463782 Órgão: SSP-GO

CPF: 035.766.781-66

Goiânia, 01 de junho de 2021.



Assinatura

APÊNDICE III
AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

A aluna, Juliana Pires Rio Branco, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2021, autoriza a reprodução por parte da Universidade da obra feita para o trabalho de conclusão de curso.